



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL

PAULO NARLEY PEREIRA CARDOSO

O Problema do gênero sob os padrões da heteronormatividade em *O Quarto De Giovanni* (2018), de James Baldwin

TERESINA - PI

2021

PAULO NARLEY PEREIRA CARDOSO

O Problema do gênero sob os padrões da heteronormatividade em *O Quarto De Giovanni* (2018), de James Baldwin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Letras, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito para obtenção do título de mestre em Letras.

ORIENTADORA: Prof. Dr. Luizir de Oliveira

TERESINA - PI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras
Serviço de Processos Técnicos

C268p Cardoso, Paulo Narley Pereira.
O problema do gênero sob os padrões da heteronormatividade em
O Quarto De Giovanni (2018), de James Baldwin / Paulo Narley
Pereira Cardoso. -- 2021.
90 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em
Letras, Teresina, 2021.
“Orientador: Prof. Dr. Luizir de Oliveira.”

1. Literatura americana – Gênero. 2. Literatura americana –
Sexualidade. 3. Baldwin, James, 1924-. I. Oliveira, Luizir de.
II. Título.

CDD 813

PAULO NARLEY PEREIRA CARDOSO

**O PROBLEMA DO GÊNERO SOB OS PADRÕES DA HETERONORMATIVIDADE
EM *O QUARTO DE GIOVANNI* (2018), DE JAMES BALDWIN**

Dissertação apresentada junto ao curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Letras,
da Universidade Federal do Piauí, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luizir de Oliveira (Presidente)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof^a. Dra. Silvana Maria Pantoja dos Santos (Avaliadora Externa)

Universidade Estadual do Piauí – UESPI

Prof. Dr. Carlos André Pinheiro (Avaliador Interno)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

TERESINA – PI

2021

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por me guiar pelos melhores caminhos.

À Literatura e à Escrita, por me salvarem no decorrer destes anos de vida

À minha família, que me permite sonhar e realizar os desejos do meu coração. Por me ensinarem a ser gente. Minha mãe, Eliane, e meu pai, Gonçalo Soares, por me ensinarem os valores necessários para a vida. Minha irmã, Lilia, por sempre ser apoio e amor. Meu irmão, Julielson, por todas as vezes em que me estendeu a mão. Aos meus sobrinhos/afilhados, Lara Liz e Jorge Augusto, por, mesmo tão pequenos ainda, me ensinarem o que é o amor verdadeiro. Aos meus cunhados, Leonel e Fernanda, por amarem e cuidarem dos meus irmãos com tanto zelo, e pelo carinho que têm por mim e minha família. Amo vocês infinitamente.

Aos meus amigos, a família que o coração escolhe e acolhe, Jean, Rubens, Izadora, Karen, Mariana, Tânia, Willker, Ana Mires, Mônica, Vany, Larisse, Bárbara Letícia, Babi, Paulo Ricardo, por acreditarem em mim desde sempre, mesmo quando eu não acredito.

Ao meu orientador, Luizir de Oliveira, por toda a paciência e humanidade, por ser luz nesses tempos tão sombrios. Sei que nem sempre fui o melhor dos orientandos nem amigo, mas amo você e serei grato eternamente por tudo. Seu abraço sempre foi calma em meio às loucuras entre os corredores da UFPI.

À minha turma: Camila, Alice, Ademar, Gil, Denise, Isaque, Simone, Alysson, Antônio Carlos e Flaviana (Os Refutados), por todo o companheirismo nestes anos de curso. Ingressar no mestrado em 2019, depois de dois anos de tentativas falhas, e conhecer vocês me fez ter a certeza de que tudo acontece no tempo certo para que as pessoas certas entrem em nossas vidas. Amo vocês sem tamanho!

À Dona Solis, por ser uma mãe pra mim; à Jadi, por ser como uma irmã, embora tenhamos nossas diferenças. Jonas Felipe, apesar de tudo, você não poderia deixar de ser citado aqui, obrigado por tudo e por tanto.

À Tia Jade, por sempre me receber com um sorriso e uma palavra de carinho, por todos os cafés, lanches e almoços (fiados) durante todo esse tempo.

Ao NEP, por ser minha casa dentro da UFPI desde os anos da graduação e por ser, muitas vezes, local de descanso, boas risadas, amizade e estudo.

À Professora Maria Elvira, minha sempre orientadora, por todos os ensinamentos desde a graduação, por cada sorriso e poesia compartilhados nestes tempos. Você seguirá comigo, pessoal e profissionalmente, durante toda a minha caminhada. Amo você.

Ao meu amigo, Francisco Neto, por todo o apoio desde a graduação e por também sempre me enxergar como capaz, não importando qual o tamanho do sonho. Nossas discussões sempre me engrandecem teoricamente e como pessoa. Grato por todas as vezes em que fui choro e você foi apoio. Que tua estrada se ilumine sempre com sorrisos e sentimentos verdadeiros. Você sabe o quanto admiro sua inteligência e força!

Ao Colégio CEV – Unidade Kennedy – e à família que construí lá: Joice, Gisele, Simone, Samuel, Ademir, Gilmar, Carlos, Willian, Liziane, Josy, Keylane, Vanessa, Laércio, Régis e Jackson, por tudo o que me ensinaram e por tantos bons momentos nos anos em que estive Revisor de Textos. Os anos vividos pelos corredores do colégio me moldaram enquanto pessoa e profissional. Nunca terei como retribuir!

À Tânia Maria Nunes, que também faz parte da minha Família CEV, pelo apoio durante todo o tempo em que foi minha chefe (ou seria melhor dizer mãe, amiga, confidente?), por sempre me entender e aconselhar, especialmente durante o ano de 2019 em que precisei pagar os créditos das disciplinas teóricas e mudar meu turno de trabalho umas mil vezes.

À minha família da Secretaria Municipal de Educação de Buriti dos Montes: Janaina, Danielle, Jair, Flávia, Claudenice, Netinha, Kokita, Ana Célia, Júnior e Tamires, por me acolherem e me ensinarem tanto neste primeiro ano de trabalho. Que muitos outros venham ainda e que possamos seguir crescendo juntos e fazendo o melhor pela educação de nosso município!

Ainda à minha família construída durante o curso de Letras, Luigi, Jefferson, Mara, Mariana, Karine, Ingrid, Isael, Kleyriane, Denise, vocês seguem comigo, mesmo que de longe.

Por fim, agradeço à UFPI e a tudo o que vivi por entre seus corredores nestes tantos anos. Cada ciclo que encerro nesta instituição me deixa a saudade do que passou e a ansiedade pelo que ainda virá. O bom filho à casa torna sempre!

*Para Lara Liz e Jorge Augusto, por me
mostrarem o amor que existe no mundo! Para
James Baldwin, pois suas lutas e escrita nunca
serão esquecidas!*

RESUMO

Esta dissertação, situada no campo da crítica literária, visa analisar, por meio dos estudos de gênero, sexualidade, heteronormatividade, estigma e espaço literário, a obra *O quarto de Giovanni* (2018), de James Baldwin. A produção de conhecimento no que se refere ao gênero vem ganhando espaços nos mais variados campos do saber. É notório o avanço em relação às expectativas sociais relacionadas a homens e mulheres, porém, modelos de masculinidades pautados na violência ainda são presentes nos contextos sociais, tal fato atua para a construção e manutenção de um padrão heteronormativo e contribui para a estigmatização de indivíduos. Esta pesquisa é norteadada pela seguinte questão: De que forma o padrão heteronormativo se impõe e interfere na relação entre as personagens David e Giovanni? Assim, a presente dissertação objetiva analisar de que forma os padrões heteronormativos afetam as personagens David e Giovanni, da obra *O quarto de Giovanni* (2018), de James Baldwin. Metodologicamente, a pesquisa se pauta na análise bibliográfica por meio de autores, como: Judith Butler (2010), Connel e Pearse (2015), Foucault (2017), Goffman (1988), Sedgwick (2007), Bachelard (2008), entre outros. Espera-se que a pesquisa contribua para as discussões dentro do campo da literatura sobre temas que vêm se tornando cada vez mais pertinentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Gênero. Sexualidade. Estigma. James Baldwin.

ABSTRACT

This dissertation, placed on the literary criticism field, aims to analyze, through studies of gender, sexuality, heteronormativity, stigma and literary space, the book *Giovanni's Room* (2018) by James Baldwin. The production of knowledge in relation to the gender has gained ground in various areas of knowledge. It's noticeable the progress in relation to social expectations related to men and women, however, masculinity role models guided on violence are still present in social contexts, such fact play a role on the construction and maintenance of a heteronormative pattern and contributes to the stigmatization of the individual. This research is guided by the following issue: in what way the heteronormative pattern imposes itself and interfere on David and Giovanni's relationship? Thus, this disquisition aims to analyze the way that heteronormative patters affects David and Giovanni, characters from the book *Giovanni's Room* (2018) by James Baldwin. Methodologically, this research focuses in the bibliographical analysis through authors such as: Judith Butler (2010), Connel e Pearse (2015), Foucault (2017), Goffman (1988), Sedgwick (2007), Bachelard (2008), among others. Is expected that this research will contribute to discussions inside the literature field about topics that are becoming even more relevant.

KEYWORDS: Literature. Gender. Sexuality. Stigma. James Baldwin.

*A placa de censura no meu rosto diz
Não recomendado à sociedade
A tarja de conforto no meu corpo diz
Não recomendado à sociedade
Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado
(...)
Não olhe nos seus olhos
Não creia no seu coração
Não beba do seu copo
Não tenha compaixão
Diga não à aberração*

Não Recomendado, Caio Prado.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. “SOU EU O HOMEM, EU SOFRI”: gênero, sexualidade e heteronormatividade.....	19
1.1 Uma introdução ao universo subversivo de James Baldwin e o Quarto de Giovanni (2018).....	19
1.2 Deslocamentos e outras questões: gênero, identidade e heteronormatividade..	22
1.3 Entre margens: sexo e sexualidade além do quarto.....	33
2. NORMAIS E ESTRANHOS: o acordo das exceções sociais.....	44
2.1 Um consentimento à marginalidade.....	44
2.2 O Procusto de David.....	45
2.3 O estigma de Giovanni.....	54
3. UM ESPAÇO SILENCIOSO: a cômoda, a mesa e a cama.....	64
3.1 Em busca de uma definição de lar.....	64
3.2 Uma cartografia do prazer.....	65
3.3 Ato do amor.....	73
3.4 Nossa prisão particular.....	79
(IN) CONCLUSÕES	82
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Na obra *O quarto de Giovanni* (2018), escrito em 1956, James Baldwin narra a história de David, um americano de vinte e poucos anos que se encontra em Paris à espera de sua noiva, Hella, que está na Espanha. Em certa ocasião, David, que está passando por dificuldades financeiras, mas que, devido à sua relação conturbada com o pai, não pede ajuda paterna, decide ligar para Jacques, um velho amigo gay e afeminado (fato que, por vezes, durante a narrativa, desagradava a David), a fim de pedir dinheiro emprestado. Jacques e David decidem, então, ir a um bar, onde conhecem Giovanni, que trabalha como garçom. A partir daí, David e Giovanni se aproximam, passam a viver um romance às escondidas e decidem viver juntos no quarto em que Giovanni mora.

O romance entre os dois protagonistas se desenrola em meio a uma sociedade que não considera normal o desejo entre dois homens e que impõe padrões de comportamento para os indivíduos de cada gênero. Assim, a leitura da obra provoca alguns questionamentos, a saber: De que forma o padrão heteronormativo se impõe e interfere na relação entre as personagens David e Giovanni? De que maneira o gênero é entendido dentro da narrativa de *O quarto de Giovanni* (2018)? Como ocorre o processo de estigmatização das personagens David e Giovanni? De que forma a descrição do espaço “quarto”, na obra, contribui para o entendimento do modo como o padrão heteronormativo afeta a relação entre as personagens David e Giovanni?

Dessa forma, procuramos desenvolver questionamentos acerca dos padrões de gênero que foram e são construídos socialmente e impostos aos indivíduos, tendo a obra literária *O quarto de Giovanni* (2018) como *corpus* para as discussões propostas. As discussões acerca de gênero vêm, cada vez mais, ganhando espaços dentro dos campos do saber. As expectativas em relação ao que pode cada gênero são prescritas e perpassadas por cada contexto social, em diferentes épocas.

Muito já se avançou no que diz respeito aos papéis sociais exigidos de cada indivíduo, porém, a despeito de todas as conquistas, ainda é possível perceber uma forte presença de modelos de masculinidades violentos e excludentes, fato este que contribui para o estabelecimento e manutenção de uma sociedade regida pelo padrão heteronormativo.

Dessa forma, tais padrões sociais contribuem para que certos grupos de indivíduos que vão na contramão desses padrões (no caso da presente pesquisa, os indivíduos LGBTQIA+) sejam estigmatizados e colocados à margem. Partindo desse pressuposto, com este estudo, por

meio da literatura, buscamos oferecer reflexões acerca dos conceitos que permeiam as temáticas de gênero e heteronormatividade, além de apresentar uma leitura que aponte para uma possível desconstrução de padrões de comportamento que são baseados em modelos de desempenho de gênero violentos e excludentes.

Para desenvolver nossa análise, voltamo-nos para James Baldwin, que foi um escritor e crítico cultural nascido no Harlem, Nova Iorque, Estados Unidos. O autor possui uma vasta produção literária e acadêmica, na qual incorpora temáticas relacionadas a relações homoafetivas, questões raciais, entre outras. Como indivíduo negro e gay, Baldwin participou ativamente do movimento pelos direitos civis dos EUA, apesar de o movimento apresentar hostilidade em relação aos gays: “dentro da comunidade afro-americana, Baldwin ocupava um não lugar, sendo objeto de desconfiança devido à sua ambivalência sexual” (MACEDO, p. 535, 2018).

A despeito dos discursos que buscavam desconsiderá-lo, Baldwin conseguiu chamar a atenção de diversos nomes importantes, sobretudo na comunidade branca, para as questões dos direitos civis negros. Além disso, sua produção influenciou grandes nomes da literatura, como Toni Morrison, ganhadora do Nobel de Literatura no ano de 1993, e Chinua Achebe, escritor nigeriano. Assim, considerando as temáticas trabalhadas em suas produções e o teor crítico empregado nelas, o autor configura-se como um nome importante no cenário literário, fato que justifica sua escolha para um estudo dentro da academia.

A obra *O quarto de Giovanni* (2018) é o segundo romance do escritor e é a partir dela que o autor ganha ainda mais notoriedade. Apesar de o romance não ter sido bem aceito de imediato, hoje, ele se configura como uma obra importante da literatura LGBTQIA+. Assim, a escolha da referida obra para as análises propostas se deu pelo fato de ela apresentar um caráter de relevância dentro da produção intelectual de James Baldwin e para a época em que foi produzida. A obra foi lançada na década de 1950 e apresenta a relação afetiva entre dois homens e a forma como o desejo vivenciado por eles os afeta. No decorrer da leitura, o leitor se depara com diversas situações trazidas pelo autor que permitem os questionamentos propostos pela presente pesquisa.

Dessa forma, pensando a literatura como uma expressão artística que permite a reflexão e o questionamento acerca dos mais variados temas, inclusive o proposto aqui, além de sua contribuição para que conceitos instituídos histórica e socialmente sejam desconstruídos, o presente estudo insere-se nas discussões a respeito de gênero e heteronormatividade como uma forma de questionar os padrões sociais que são impostos aos indivíduos, afinal, como afirma

Tzvetan Todorov, “a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2009, p.23).

Para tanto, norteamos nosso trabalho pelos seguintes objetivos: analisar de que forma os padrões heteronormativos afetam as personagens David e Giovanni, da obra *O quarto de Giovanni* (2018), de James Baldwin; discutir gênero a partir da obra *O quarto de Giovanni* (2018), de James Baldwin; investigar o processo de estigmatização a partir da análise dos comportamentos das personagens David e Giovanni, presentes na obra *O quarto de Giovanni* (2018), de James Baldwin; e descrever de que forma o espaço “quarto” contribui para o entendimento do modo como o padrão heteronormativo afeta as personagens David e Giovanni, corroborando a “teoria do armário”, de Sedgwick (2007).

Nossas hipóteses levantadas no decorrer da pesquisa giram em torno de como o padrão heteronormativo, embora, à época, ainda não exista com essa nomenclatura, mas exista enquanto fenômeno, interfere diretamente na relação entre as personagens David e Giovanni, fazendo com que o casal não fique junto.

Nossa análise parte da assunção de que gênero é uma construção social, que se dá através dos padrões de comportamento impostos a cada um dos indivíduos, levando a crer que a heteronormatividade contribui para o processo de estigmatização, e isto nos servirá de horizonte de reflexão para a leitura da obra e nos permitirá estabelecer as relações entre o que nela desponta e nossa atual condição social, como nossa leitura de Baldwin procura mostrar. Com isso, a descrição do espaço do quarto, na obra, como escuro, bagunçado e cheio de lixo torna possível que a relação entre as personagens David e Giovanni seja entendida como errada, devendo ser relegada à margem. Para isso, nos utilizamos de determinados conceitos e discussões acerca da temática gênero, identidade, sexualidade, heteronormatividade, entre outros.

Para Connel e Pearse (2015, p.47), gênero é “uma estrutura social. Não é uma expressão da biologia, nem uma dicotomia fixa na vida ou no caráter humano. É um padrão em nossos arranjos sociais, e as atividades do cotidiano são formadas por esse padrão”. Assim, com base no que essas autoras afirmam, o gênero não é algo dado biologicamente, mas sim uma gama de comportamentos que devem ser seguidos pelos indivíduos. Esses modelos de comportamento são criados pelas estruturas sociais, que ditam aquilo que é certo e errado para cada indivíduo, pois as sociedades buscam, das mais diversas formas, controlar os sujeitos.

No que concerne a isso, de acordo com Louro (2016), a divisão entre os gêneros masculino e feminino é “compreendida como primeira, originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo” (LOURO, 2016, p. 78). Tal fato pode ser percebido na maneira como a

sociedade busca padronizar comportamentos para legitimar aquilo que é considerado correto para meninos e meninas. Não é raro ouvirmos expressões como “senta como uma mocinha”, “homem não chora” e muitas outras construções que trazem em si possibilidades, permissões e proibições. Dessa forma, tem-se gênero como um processo de socialização, e não como algo que é dado pela natureza.

Ademais, ao falarmos de gênero, não tratamos apenas de diferenças nem mesmo de categorias que são fixas, mas nos referimos a relações de fronteiras, imagens, práticas que são criadas de modo ativo pela sociedade. Essas questões emergem através de circunstâncias históricas, são repassadas pelos diversos grupos sociais em que os indivíduos estão inseridos e modelam as suas vidas, exercendo controle. Como enfatiza Louro (2016, p. 77):

Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões de referência, das normas, valores e ideias da cultura.

Nota-se que o gênero possui também um papel para que os sujeitos sejam encaixados ou excluídos socialmente. É a partir de nossos comportamentos, convergentes ou divergentes em relação às expectativas de gênero construídas pela sociedade em que vivemos, de acordo com a supracitada autora, que seremos lidos como passíveis ou não de termos um lugar nela, de sermos aceitos. Dessa forma, aqueles sujeitos que não seguem o prescrito pelas normas sociais tendem a ser estigmatizados – conceito ao qual retornaremos adiante – e relegados à margem.

Em relação à sexualidade, segundo Maria Luiza Heilborn (2002, p. 7), ela “é uma invenção do século XVIII”, sendo considerada, a partir de então, como algo que deveria ser regulado, controlado e administrado. Tal conceito é produzido dentro dos contextos históricos e sociais em que o homem está inserido e, a partir do referido século, as práticas que objetivavam o prazer passaram a possuir tópicos específicos e estavam ligadas somente à reprodução humana. Dessa forma, assim como afirma Foucault (2017), tais práticas passaram a sofrer interdições para que atos que contrariassem a ideia reprodutora fossem controlados e silenciados:

Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o ilícito. Todos estavam centrados nas relações matrimoniais: o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as

violências que o acompanhavam [...]. Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam, de qualquer modo, condenação. (FOUCAULT, 2017, p. 41-42)

Percebe-se que os comportamentos sexuais desviantes do contexto matrimonial e reprodutor eram tidos como imorais e condenáveis. Dessa forma, a sexualidade passa a ser posta, com maior ênfase, no interior da família (ressaltando-se, aqui, que o modelo de família referido é o heterossexual), sendo fortemente atrelada ao casamento. Assim, criam-se procedimentos para a formulação e controle das práticas sexuais.

O modo de pensar a sexualidade que é desenvolvido no Ocidente, especialmente com a ênfase dos discursos sobre a sexualidade desenvolvidos nos séculos XVIII e XIX, enfatiza um padrão tido como normal baseado na prática monogâmica e heterossexual. Assim, a heterossexualidade passa a ser a regra, ou seja, o padrão de normatividade a ser seguido pelos indivíduos. Dessa forma, a homossexualidade (e todas as outras sexualidades que fogem à norma prescrita) é colocada à margem e considerada periférica. Ademais, se trouxermos a discussão para os dias atuais, continuaremos a perceber uma forte presença de ideias que ligam as práticas sexuais à reprodução e que desconsideram os prazeres dos indivíduos. O código religioso ainda circunscreve verdades acerca da sexualidade e atua para barrar práticas que objetivem o prazer.

Dessa forma, as sexualidades são forjadas e construídas através dos tempos. Esse processo se desenvolve no interior dos contextos sociais e é guiado por modelos binários de gênero (o padrão binário afirma o masculino e o feminino como as únicas expressões de gênero aceitas), o que produz subjetividades possíveis e impossíveis para os indivíduos e reflete de forma direta nos modos como eles se relacionam nas sociedades.

A sexualidade possui padrões de leitura excludentes para aqueles que não se conformam com aquilo que é imposto. Cria-se, então, um modelo a ser seguido: a heterossexualidade, que é baseada nos padrões de gênero. Essa ordem que dita a heterossexualidade como modelo a ser seguido é o que Miskolci (2016) chama de “heteronormatividade” e resulta de discursos historicamente arraigados que ditam ser o homem o dominador e controlador da sociedade. Também de acordo com Dias (2015), esses discursos que impõem a dominação do homem nortearam, durante muito tempo, as mais diversas áreas sociais, e ainda se fazem presentes atualmente.

Para Miskolci (2016, p. 15), “a heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual”. Ainda de acordo com o autor, até aqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo devem seguir o padrão heterossexual definido

socialmente, ou seja, os indivíduos devem desempenhar comportamentos atribuídos de acordo com seu gênero. Assim, gays e lésbicas que aderem aos comportamentos normalizantes passam a agir para que o modelo heteronormativo continue sendo passado adiante.

Vimos como a sociedade elabora padrões considerados normais e os impõe aos indivíduos. Dessa forma, maneiras de categorizar e classificar os sujeitos são criadas considerando aquilo que é normal e aquilo que não é considerado como tal. Um estudo importante para que possamos compreender essa normatização foi desenvolvido por Erving Goffman (1988).

Para Goffman (1988), os estigmas podem ser classificados em três categorias, a saber: os tribais de raça, nação e religião; as abominações do corpo; e as culpas de caráter individual. Os tribais são aqueles “que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família” (*ibid*, p. 14). As abominações do corpo são características marcadas nos corpos dos indivíduos e são tidas como defeitos. Já os estigmas de caráter individual, são os comportamentos considerados como dissidentes em relação aos padrões estabelecidos pela sociedade; aqui, estão incluídos crimes, vícios e a homossexualidade.

O autor reforça que, em qualquer que seja o tipo de estigma, é possível perceber as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988, p. 14) Nesse contexto, Goffman apresenta duas dimensões de estigmas que classificam os indivíduos em “desacreditados” e “desacreditáveis” (1988, p. 51). O estigma referente aos indivíduos desacreditados é aquele que pode ser visto de imediato, que é evidente ou que já é conhecido socialmente. Em relação à segunda dimensão referida pelo autor, relaciona-se aos estigmas que não podem ser visualizados imediatamente. Constituem, então, uma marca invisível.

Dessa maneira, a segunda dimensão à qual o autor se refere é importante para as análises propostas por este trabalho, uma vez que é nela em que a homossexualidade pode ser encaixada. Temendo essa exclusão social, os indivíduos que possuem estigmas invisíveis, muitas vezes, optam por escondê-los, a fim de evitar julgamentos e preconceitos. No caso dos indivíduos homossexuais, criam-se “armários” onde são escondidos seus desejos e sua verdadeira identidade.

Tal fato corrobora o que Eve Kosofsky Sedgwick afirma no texto “A epistemologia do armário”. De acordo com a autora, “mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais

assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Aqui, incorpora-se a categoria do espaço às discussões propostas neste trabalho, uma vez que David e Giovanni desenvolvem sua relação, em grande parte, escondidos no quarto em que o segundo vive. Porém, embora “guardados” pelas paredes do cômodo, os discursos padronizantes não permitem que os dois vivam suas sexualidades plenamente. Dessa forma, o espaço é importante para que possamos entender de que modo a heteronormatividade e os padrões de gênero afetam as personagens analisadas.

Bachelard (2008), ao tratar da casa, afirma que “o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo.” (BACHELARD, 2008, p. 25), ou seja, do mesmo modo como nós atribuímos significados aos espaços que ocupamos, assim ocorre também no interior das narrativas.

Na literatura, a noção de espaço desempenha diversas funções, dentre as quais estão: caracterizar personagens, contextualizando-os, socioeconômica e psicologicamente, influenciando-os ou mesmo sofrendo a ação desses, e até mesmo sendo o palco da ação narrativa. Mas, de todas as funções encontradas para o termo em análise, no que concerne à literatura, a de representar os sentimentos vividos pelos personagens é a que mais dá luz aos nossos questionamentos.

Dessa forma, percebe-se que a categoria espaço, no campo da análise literária, possibilita a percepção aprofundada das questões referentes às personagens. Nesse contexto, de acordo com Silva e Fernandes (2007), o espaço torna-se importante elemento textual, porque pode definir, em muitas obras ou em gêneros específicos, importantes caracterizações para o leitor preocupado em encontrar na órbita espacial algo que ilumine sua interpretação. Isso se torna relevante à medida que o aspecto espacial só adquire sentido, segundo nossa leitura, se vinculado ao “estatuto” das personagens. (p. 150)

Percebemos, então, que o espaço é um marcador importante para a interpretação, uma vez que exerce influência para a composição, implícita ou explícita, das características das personagens: “Assim, em determinadas cenas, observamos que existe uma analogia entre o espaço que a personagem ocupa e seu sentimento.” (BORGES FILHO, 2008, p. 2). Os espaços não são meramente os locais onde as personagens estão situadas, mas eles moldam as personagens, ao passo que são moldados por elas. Dessa forma, as descrições do quarto realizadas por David irão auxiliar no entendimento das questões que buscamos levantar com este trabalho.

Metodologicamente, o trabalho está situado dentro do campo da Crítica Literária, tendo como suporte a Teoria da Literatura, bem como os conceitos referentes a gênero, sexualidade, heteronormatividade, estigma e espaço. O estudo se valeu da pesquisa de cunho bibliográfico.

O tipo de pesquisa escolhido se deu pelo fato de a pesquisa bibliográfica permitir um contato mais íntimo com autores e literaturas que tratam dos assuntos que serão trabalhados aqui. O método utilizado será o explicativo e a abordagem será de cunho qualitativo. O *corpus* deste estudo é composto pela obra *O quarto de Giovanni* (2018), do escritor americano James Baldwin, sobre o qual será lançado um olhar com enfoque nas discussões sobre a maneira como os padrões heteronormativos afetam a vida dos indivíduos e criam estigmas.

A fim de alcançar os objetivos propostos por nós, inicialmente, tomamos como base pensamentos de teóricos como: Connel e Pearse (2015), Foucault (2017), Butler (2011), no que se refere às questões de gênero, sexualidade, heteronormatividade e a maneira como os padrões de comportamento são impostos a cada indivíduo de cada gênero; Goffman (1988), que trará luz à questão dos estigmas; Sedgwick (2007), a fim de entender como os estigmas, muitas vezes, contribuem para que os indivíduos elaborem armários para esconder suas reais identidades; e Bachelard (2008), Borges Filho (2008), como base para as questões relacionadas ao espaço. Ressalta-se que, no decorrer da elaboração deste trabalho, outros teóricos foram incorporados à escrita da dissertação, a fim de diversificar os olhares em relação às questões a serem abordadas.

1 “SOU EU O HOMEM, EU SOFRI¹”: gênero, sexualidade e heteronormatividade

¹ WHITMAN, Walt. *Folhas de relva*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

O amor arranca as máscaras sem as quais tínhamos não poder viver e atrás das quais sabemos que somos incapazes de o fazer².

1.1 Uma introdução ao universo subversivo de James Baldwin e *O quarto de Giovanni* (2018)

James Baldwin nasceu em 2 de agosto de 1924, no Harlem, na cidade de New York. Descendente de africanos escravizados, sua mãe, Emma Berdis Jones, deixou seu pai biológico e se casou novamente, com David Baldwin, um pastor evangélico, do qual James herdou o nome e uma conturbada relação familiar. Aos 18 anos, pobre, negro e homossexual, deixou de lado as pregações no púlpito para se dedicar à escrita, tornando-se um crítico do sonho americano³, que, segundo ele, excluía pessoas nas quais ele se incluía.

Baldwin foi um autor que discutiu temas relevantes, controversos e profundos, permeados de contradições e reviravoltas. Seu percurso literário inclui diversas publicações, entre livros e artigos. Em 1956, ele lança seu segundo romance, *O quarto de Giovanni*, livro sobre qual dirigimos nossas análises, perfazendo, com isso, uma cartografia nos universos de gênero, sexualidade e estigma. Na obra, vemos os encontros e desencontros presentes na vida de David e tudo que inclui sua construção enquanto personagem.

Em 1962, Baldwin publica *Terra estranha*, que tem como pano de fundo os clubes de jazz de Greenwich Village, em Nova York. Em sua produção, ainda encontramos obras como *Se a Rua Beale Falasse*, *Marcas da Vida*, *O preço da Glória*, *Um homem à minha espera*, dentre outros.

Seus escritos, ao longo do tempo, estão se tornando cada vez mais objetos de pesquisa acadêmica, principalmente pelo fato de que, em sua maioria, o autor trata de questões referentes a ambiguidades sexuais e de identidade sexual. Com relação a este ponto, podemos afirmar, fazendo uma análise bastante ampla, que existe uma profundidade dentro dos temas tratados em seus livros, que muito tem a ver com a própria noção identitária do autor, que era construída através de um viés de complexidade e de uma ambiguidade desconstruída.

Segundo Baldwin, “Eu sou o que o tempo, a circunstância e a história têm feito de mim, certamente, mas eu sou, também, muito mais do que isso. Como somos todos nós”⁴. Podemos

² BALDWIN, James. *Da próxima vez o fogo*. Biblioteca universal Popular. 1967

³ O termo sonho americano vem de uma expressão americana que parte de sua construção de identidade e representa o sucesso absoluto que só pode ser alcançado morando lá. Ver em: <https://www.americanproject.com.br/sonho-americano/> Acesso em 08 de Agosto de 2020.

⁴ A declaração faz parte de uma coletânea de artigos publicados no *Notes of a Native Son*, publicado em 1955. Ver: BALDWIN apud BROWNSON, 2008, p. 7.

elencar, pela sua afirmação, que os interesses relativos a Baldwin com relação à própria construção de escrita estão correlacionados ao fato de que ela é produto de uma construção social, cultural e histórica. Dentro destas questões, encontramos as tramas suficientemente necessárias que nos deram suporte para a construção deste trabalho, que visa à análise da obra *O quarto de Giovanni*.

A visão do autor com relação a diversos aspectos de sua escrita tem relação também com sua própria concepção de literatura. Na visão de Baldwin⁵, a literatura é uma arte subversiva, que foge aos padrões de mediocridade e que tem papel relevante na construção do ser como um todo, ao longo de suas gerações. Para ele, a escrita é algo que requer responsabilidade, fugindo do fato que pode ser levado como algo simples e banal.

Deve existir um confronto, segundo Baldwin (1973), entre o que se lê e a sociedade, o que gera, segundo ele, um compromisso com a liberdade de escrita, com o lugar de fala do autor, sua liberdade de estilo, de linguagem e de tradição⁶. Nesse sentido, Roland Barthes (2000) nos afirma que o texto literário é uma fabricação, na qual o autor é visto como um artesão, e sua escrita, uma obra na qual ele deposita signos e significados imersos em certa ambiguidade intelectual⁷. Podemos constatar essas performances dentro de diversas obras de Baldwin, que, como já aludimos, trabalha temas controversos que envolvem homoerotismo, relações carregadas de sentimentos que envolvem personagens bastantes complexos. Tal como Barthes constrói o autor como artesão onde a escrita é sua própria expressão Baldwin age dessa maneira, delineando suas expressões poéticas e argumentativas por meio da escrita.

Outro ponto de destaque com relação ao universo da escrita do autor tem relação com sua marca política, sendo permeada por marcas de combate e poder, a partir das quais o escritor é tido como o sujeito engajado na escolha do que evidenciar e no que deve permanecer em silêncio. No que tange a estes aspectos, sua escrita se transforma em uma forma de instituição de sentidos, ou seja, com relação a este ponto podemos afirmar que o livro se torna o ato comprometido do escritor, sua escrita e sua assinatura, que não está livre das pretensões do inverso que os valores da sociedade impõem. Expressando de outro modo, para Baldwin, o autor e sua escrita vão muito além de contadores de histórias, são em si, verdadeiros instrumentos de um engajamento social e cultural.

⁵ BALDWIN, James; MEAD, Margaret. *O Racismo ao vivo*. Tradução de Hélio Alves. Ed. Dom Quixote-Lisboa, 1973. Pág. 252.

⁶ Idem, pág. 253.

⁷ BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: Seguido de novos ensaios críticos*. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Percebemos que sua escrita não veio para acalmar, e sim para incomodar, para tirar dos limites, para perturbar. Neste sentido, com essa ideia de contrariedade, de aflição e perturbação, é que, dentre outras obras possíveis da escrita de James Baldwin, escolhemos *O quarto de Giovanni* para nos debruçarmos sobre determinados temas, que serão tratados ao longo dos capítulos.

A escolha da obra adveio de uma complexidade de impressões que tivemos acerca da história que permeia o romance entre David e Giovanni. O comportamento heteronormativo e homoerótico que envolve a obra nos leva a uma discussão acerca da problematização do amor entre os iguais, calcada na transgressão e na indiferença social. Acerca disso, podemos elencar determinados pontos que convergem para uma análise que invade os universos do gênero, sexualidade, estigma e heteronormatividade.

A marginalização da relação constituída entre os dois, ao longo da trama, traz efeitos negativos no plano das relações interpessoais entre eles, causando de certa forma uma crise entre suas identidades. Percebe-se que as questões que envolvem também espacialidades e masculinidades são marcas da escrita deste autor em sua obra. O espaço na obra é visto como uma configuração marginal, periférica, que remete aos personagens que nele habitam ou por ele circulam e que estão à margem da sociedade.

Com base nestes aspectos gerais que permeiam a obra de James Baldwin, o presente capítulo visa tratar inicialmente sobre três campos de discussão, a saber: as questões de gênero que envolvem a obra e seus impasses; as discussões acerca de heteronormatividade que envolvem os personagens durante toda a trama e os enlaces sobre as questões de sexualidade que perfazem toda a construção da escrita.

Inicialmente, trataremos da construção do conceito de gênero dentro da obra, ou seja, a influência deste conceito dentro da construção do amor entre iguais. Para tanto, nos utilizaremos dos conceitos de Judith Butler, em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Connel e Pearse, em *Gênero: uma perspectiva global*, entre outros autores. A ideia central é de que gênero deva ser visto como uma construção social, assim, o gênero não é algo dado biologicamente, mas sim uma gama de comportamentos que devem ser seguidos pelos indivíduos.

Em seguida, discutiremos as questões que envolvem heteronormatividade e sexualidade, com base nos conceitos discutidos por Pierre Boudier, em *A Dominação Masculina*, entre outros. Espera-se com isso discutir como as sexualidades são forjadas e construídas através dos tempos. Esse processo se desenvolve no interior dos contextos sociais e é guiado por modelos binários de gênero (o padrão binário afirma o masculino e o feminino

como as únicas expressões de gênero aceitas), o que produz subjetividades possíveis e impossíveis para os indivíduos e reflete de forma direta nos modos como eles se relacionam nas sociedades.

Todos estes aspectos irão nos permitir, no segundo capítulo desta dissertação, adentrar no universo das questões referentes à estigmatização e, no terceiro capítulo, entender de que modo a descrição do espaço na obra nos permite entender como os conceitos trabalhados influenciam as personagens analisadas.

1.2 Deslocamentos E Outras Questões: Gênero, Identidade E Heteronormatividade

Os padrões heteronormativos que regem nossa sociedade partem do estabelecimento de um conceito de gênero que contrapõe na sociedade, como em dois pratos de uma balança, uma concepção masculina e outra feminina, ou seja, segue-se ainda dentro da perspectiva do binarismo homem-mulher. Sobre esta visão, podemos afirmar que o conceito de gênero parte de uma construção social e por meio dele os indivíduos assumem papéis sociais, os quais devem exercer. Qualquer desvio deste padrão, ou seja, qualquer fuga destas normas ou padrões pré-estabelecidos são tidos como errados e criticados ou perseguidos. Butler neste sentido nos aponta que,

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo⁸.

Neste sentido, a cultura condiciona e determina tanto a definição de sexo como a de gênero, e, com isso, os conceitos podem tanto ser livres como fixos, sendo que o que vai defini-los será o discurso predominante. Assim, podemos propor que os conceitos de gênero são determinados por fatores culturais e não biológicos.

A sociedade atua por meio da heteronormatividade que reside na cultura e no imaginário social, bem como em acepções políticas e econômicas. A heteronormatividade é uma moeda de troca social bastante valiosa para a sociedade contemporânea. Dentro destes aspectos, Castoriadis (1982) nos afirma que a construção da sociedade atual define o que é comum, dizível e representável dentro dela:

[...] de seus tipos, de suas relações, de suas atividades, mas também posição de coisas, de seus tipos, suas relações, sua significação – uns e outros cada vez

⁸ BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pág. 25

tomados em receptáculos e referenciais instituídos como comuns, que lhes dão unidade. Esta instituição é instituição de um mundo no sentido de que ela deve e pode cobrir tudo, [...]. A maneira pela qual, de cada vez, tudo faz sentido, e o sentido que faz, provém do núcleo de significações imaginárias da sociedade considerada⁹.

Ao chamar atenção para o todo, o universo social constituído, podemos afirmar que o autor chama atenção para uma questão principal, que se baseia no que é instituído, “do que é e não é, vale e não vale, do que é factível e não factível¹⁰”. Sobre isso, encontramos evidências que se baseiam na ideia de que tudo que foge a um padrão previamente instituído é dito como desvio, que muitas vezes pode vir a ser de forma sutil, mas também de forma abrupta. O que é preciso, na verdade, é desconstruir o pensamento sexista que normatiza, que associa sexo, gênero e sexualidade como algo reprodutivo da sociedade. Sobre isto, Mesquita & Perucchi (2016) afirmam que é notória a confusão entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual, vistas a partir de uma relação causal¹¹.

No *Quarto de Giovanni*, James Baldwin constrói uma narrativa vista a partir da memória do californiano David, que sai dos Estados Unidos e vai para a Europa, especificadamente para a França, num jogo de busca e encontro de si mesmo. Mas, durante a construção da narrativa, independentemente do território, David se reconhece apenas como alguém, um indivíduo que está em constante construção. A trama inicial advém da partida de sua noiva Hella para a Espanha, onde o jovem, até então perdido em suas construções, começa sua caminhada, sua cartografia pelas ruas e guetos gays de Paris, ocasião em que conhece o belo italiano Giovanni.

Percebe-se aqui como James Baldwin começa a trabalhar as confusões sociais que a cultura normativa por vezes impõe aos indivíduos. Por meio da confusão existente entre os conceitos de liberdade individual existente entre David, que encara a relação dos dois de forma conflituosa, marginal e subversiva, e Giovanni, que a entende como um jogo de prazer e delírio, que vemos as construções e reentrâncias por trás do fator cultural que normatiza os indivíduos. David, apesar de todo o constructo social em torno de seu noivado com Hella, também deseja o corpo masculino, o que causa confusão e repulsa, desejo e atração. As relações paradoxais

⁹ Castoriadis, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade* (1982). São Paulo: Paz e Terra. Pág. 415

¹⁰ Idem. Pág. 415.

¹¹ Sobre o tema, muito se fala sobre saber de fato sobre sexualidade, mas existe diferenças entre o que é de fato uma coisa, e onde termina outra. Sexo é biológico, nasce-se menino ou menina. Identidade de gênero está mais ligado ao fato de ser menino ou ser menina, aquilo que você se identifica, e a orientação sexual está ligada à expressão sexual que te abraça. Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). NÃO APENAS EM NOME DE DEUS: DISCURSOS RELIGIOSOS SOBRE HOMOSSEXUALIDADE. *Psicologia e Sociedade*, 28(1), 105–114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>

existentes em sua instabilidade identitária o levaram a percursos diversos e estranhos durante a construção da narrativa.

É interessante observar que a construção subversiva de James Baldwin brinca sempre com essa questão do indivíduo totalmente construído socialmente e sexualmente, levando-nos, muitas vezes, no decorrer da construção da trama, a entender que o que move sexualmente tem muito mais relação com o desejo¹² do que com a construção normativa pré-existente:

Havia um marinheiro, todo de branco, atravessando a rua, andando com aquele balanço próprio dos marinheiros, e com aquela aura, esperançosa e firme, de quem tem que fazer uma grande transação às pressas. Eu o encarei [...] Ele caminhou para o meu lado e, como se tivesse visto um pânico revelador em meus olhos, me lançou um olhar obscuro[...] Senti meu rosto queimar, senti meu coração pulsar e tremer, enquanto me apressava a passar dele, tentando olhar com dureza para além dele [...] Mas, com pressa, e sem ousar olhar para ninguém, homem ou mulher, que passava por mim nas largas calçadas, eu sabia que o que o marinheiro tinha visto em meus olhos descuidados foi inveja e desejo.¹³

É preciso significar, dar sentido a algumas palavras dentro do campo da sexualidade, a saber: sexo, ou seja, nasce-se macho, ou fêmea ou intersexo¹⁴ em consonância com as questões reprodutivas e científicas que constituem o material genético de cada um. E outra seria a própria questão da sexualidade, evidenciada no trecho acima ao percebermos o interesse do personagem pelos traços do marinheiro, no qual, segundo Freud, as conotações, os desejos sexuais, estão ligados às características comportamentais, que são atribuídas socialmente, ou seja, o que é Ser Homem e o que é Ser Mulher¹⁵.

Nascemos em uma sociedade formada por padrões e normas pré-existentes. Dessa forma, o indivíduo percorre caminhos que vão entre as possibilidades já existentes, como no caso de David e Hella¹⁶, imprimindo neles as condições sociais e comportamentais que são consideradas justas e certas, e outras que correlacionam gênero, sexo e sexualidade, que estão mais ligadas à questão da própria construção individual de cada um.

¹² O desejo é visto como algo construído pelo indivíduo por meios de suas próprias vivências. O desejo carnal tem a ver com suas próprias escolhas. O desejo homossexual ao contrário das demais formas de desejo, deve ser visto como algo inato do ser, o que muda são as escolhas individuais.

¹³ BALDWIN, 2018, pp. 124-125.

¹⁴ Ver: [Http://bit.ly/Compreendamelhintersexualidade](http://bit.ly/Compreendamelhintersexualidade). Acesso em 14/8/2020.

¹⁵ Scott, P., Lewis, L., & de Quadros, M. T. (2009). Gênero, diversidade e desigualdades na educação. Gênero, diversidade e desigualdades na educação: interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Universitária UFPE. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/gnero+diversidade+e+desigualdade+na+educa_o.pdf/fdda0d28-41f4-4145-bb34-e0013193a9cb

¹⁶ Que possibilidades encontramos na sociedade para os casais heteronormativos? Liberdade sexual, liberdade comportamental e liberdade de direitos.

Neste sentido, temos que, se a sociedade pressupõe uma distinção entre gênero e sexo, sendo que o primeiro corresponde às construções socioculturais e o segundo ao binarismo científico, podemos pontuar por meio do que Butler pensa que tanto um como outro são indistintamente construídos socialmente, ou seja, não é possível conceber o segundo como algo natural, haja vista que

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável¹⁷.

David, neste sentido, seria um exemplo de como os indivíduos podem ser deslocados enquanto sujeitos no que tange à sua sexualidade, visto que, ao longo da obra, o personagem é marcado pelo inconstante bipartidarismo existente entre heteronormatismo e homossexualidade. Este seu “eu” conflituoso se revela nos mais diferentes trechos da obra em análise:

As pessoas são muito variáveis para serem tratadas tão levemente. Eu sou muito variável para ser confiável. Se não fosse assim, eu não estaria sozinho nessa casa hoje à noite. Hella não estaria em alto mar. E Giovanni não estaria prestes a perecer, em algum lugar entre esta noite e esta manhã, na guilhotina.¹⁸

No que tange a análise do trecho acima, percebemos constantemente esta divisão existente entre o desejo individual de David e seu compromisso com Hella. O personagem está sempre em busca de uma resposta para sua identidade, sempre em questionamento sobre quem ele. Nesse viés, até que ponto os discursos de gênero podem influir sobre a própria construção da identidade dos indivíduos?

Podemos trazer mais elementos para nossa discussão recorrendo também a Hall (2011). Ele afirma que dentro dos participantes da sociedade, em sua individualidade, não existe apenas um “eu”, mas sim, múltiplos e singulares formas de representação social de nós¹⁹. Hall (2001) defende que não existe na sociedade pós-moderna apenas uma identidade fixa, imutável e única. Para ele, o que temos é uma descentralização das nossas nuances sociais, muitas delas causadas pelas transformações sociais e culturais por que passamos constantemente. Neste sentido, as relações existentes entre os discursos de gênero e identidade se aproximam sempre do discurso

¹⁷ BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pag. 195

¹⁸ BALDWIN, 2018, p. 30

¹⁹ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

de que não existem padrões fixos, mas sim mutáveis conforme as inconstâncias culturais que a sociedade sofre.

Segundo esta perspectiva, os indivíduos como um todo, assim como David e como Giovanni, não carregam uma identidade fixa pela vida toda. Ao contrário, esses indivíduos são móveis e, em contato com o outro, nessa perspectiva de estranhamento, mudam e se transformam, perdendo o sentido absoluto de si, como o relatado por David. Ainda pela perspectiva de Hall (2011) sobre o tema, essa é uma marca dos indivíduos pós-modernos. Para o autor,

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do “eu”.²⁰

Podemos observar diferentes facetas que assumimos mediante as situações e os encontros e desencontros por que passamos durante nossa vida. O “eu” torna-se mutável com o passar dos anos, o que nos leva a ganhar ou perder diferentes estruturas. Assim como David, a sociedade torna-se contraditória, mutável, inconstante e oscilante. Neste sentido, podemos perceber como James Baldwin estava à frente do seu tempo, levando uma problemática da pós-modernidade a um ambiente totalmente controverso historicamente, quando muitos movimentos sociais estavam acontecendo desnudando a face de uma sociedade marcada pela heteronormatividade. Percebe-se, dentro do âmbito da narrativa, a desconstrução não apenas da identidade fixa e imutável, mas também com relação à própria sexualidade. Atentemo-nos para esta passagem de *O quarto de Giovanni* (2001):

Há algo de fantástico no espetáculo que agora enceno para mim mesmo, o de ter corrido tão longe, com tanto esforço, chegando mesmo a atravessar o oceano, para mais uma vez ser detido pelo buldogue que sempre esteve no meu quintal – e, neste interim, o quintal encolheu e o buldogue cresceu.²¹

No trecho acima, nota-se que, ao não se encaixar no padrão de identidade fixo esperado pela sociedade, através da metáfora do Buldogue, onde o próprio cachorro encena essa sociedade fictícia, David atravessa o oceano numa tentativa de fuga daquilo que ele não deveria

²⁰ HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011. p. 11

²¹ BALDWIN, 2018, p. 30

ser fora do meio, o que está retratado na passagem como um buldogue que vive em seu quintal. Porém, como ele próprio afirma, esse buldogue segue com ele, nos mostrando que, mesmo com a tentativa de se encaixar em um padrão fixado pela sociedade, o personagem não consegue se desvincular do que deseja, o que nos mostra uma oscilação entre aquilo que se espera e aquilo que ele realmente quer.

Observa-se que, apesar de buscarmos respostas acabadas e definitivas, na perspectiva de gênero, temos que tomar como partida uma certa estilização do corpo, ou seja, um conjunto de ações que são repetidas com o tempo, por meio de nossas ações no cotidiano e que vão produzindo uma aparência sobre nós mesmos, ou seja, nada dentro desta perspectiva é um dado acabado. Com isso, segundo Butler (2015), as identidades de gêneros, percebidas sob a ótica da análise dos personagens de *O quarto de Giovanni* não são naturais, mas construídas através da discursividade da linguagem própria que é marca do tempo²².

Podemos afirmar que esta definição advém do fato de que não existe uma identidade de gênero que tenha advindo de uma formação posterior à própria concepção do gênero em si. Neste ponto, partindo do conceito de performatividade²³ de Butler, temos que os personagens David e Giovanni são sujeitos construídos por uma linguagem própria, por um discurso. De um lado, David e suas nuances heteronormativas; por outro, Giovanni, com seus ideais de liberdade e prazer. Dessa forma, por este viés, a questão de gênero seria um processo, o resultado de uma soma de discursos, e não a causa final destes.

Na visão de Butler (2015), o gênero seria como atos performáticos na medida em que eles produzem determinados efeitos que vão nos moldando, reiterando nossas escolhas e com isso criando normas que nos definem enquanto homens e mulheres. Nessas construções, vamos criando ao longo do tempo determinadas referências, que nos remetem ao outro, ou aquilo que nos diferencia e nos particulariza. Isso, ao longo do tempo, é o fator da causa dos deslocamentos de identidade presentes na obra. Vejamos esta passagem:

Nesse momento uma figura que eu não tinha visto antes emergiu das sombras e veio em minha direção [...] A criatura tinha na mão um copo, caminhava na ponta dos pés, as ancas chatas moviam-se com uma lascívia morta, apavorante [...] A criatura brilhava na penumbra; o cabelo negro e ralo estava violentamente coberto de óleo, penteado para a frente, formando uma franja;

²² BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pag. 198

²³ Performance, segundo a antropologia, inscreve-se no ato dos significados e valores mais profundos que uma sociedade recebe de forma simbólica, o que permite conceitualizar a sociedade e a vida de forma a perfazer uma relação entre rito, sociedade e transformação. Já na performativa temos que o sentido da ação, do ser em si, do desenvolvimento individual dentro de um corpo discursivo. Ver em: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

as pálpebras luziam de rímel, a boca fervia de batom [...] O sujeito parou diante de mim com uma das mãos na cintura, olhou-me de alto a baixo e sorriu [...]²⁴

Neste ponto da narrativa, observamos que existe uma ligação entre a linguagem, que aqui deve ser vista como algo além do indivíduo, e a ação. A linguagem pode ser vista como aquilo que modera o comportamento do ser, é através dela que os enunciados, os “atos de fala²⁵”, se tornam performáticos. Assim, compreendemos que o ato da fala do personagem implica na responsabilidade pela ação, na qual dizer é fazer. Com isso, temos que os atos performáticos propostos por Butler²⁶ para entendimento das questões relativas a gênero são contínuos, e ratificados dentro do corpo social que os regula.

Observa-se que David faz a descrição desse alguém que se aproxima como algo indeterminado sexualmente, não sabendo se o que estava vindo em sua direção era um homem ou uma mulher. O que norteia o personagem? Os gestos e a linguagem corporal da pessoa descrita correspondem ao que culturalmente é construído como, dentro dos padrões heteronormativos, o corpo feminino, mas é somente ao claro que o protagonista se depara com um corpo masculino. Isso nos leva ao fato de que um homem, cujos gestos e as falas remontam ao corpo feminino, foge aos padrões de regulação, mostrando que sociedade condiciona como os corpos devem se vestir e se apresentar. Aqui temos outra questão em Butler – que também está no Foucault, com quem ela dialoga: as materialidades corporais. Como os corpos se mostram, se constroem, se fazem. Tramitamos entre duas chaves de leitura: a moral-social e a material-corporal, das quais as mesmas não caminham juntos, sendo uma excludente do discurso da outra

Sob este ponto de vista, podemos pontuar que a produção de normas da cultura heteronormativa, em seu processo contínuo de reprodução de discursos, também cria identidades que podem criticá-las, contestá-las. Se a constituição de identidade de gênero é uma repetição estilizada de atos através do tempo, e não uma identidade aparentemente ininterrupta, então, as possibilidades de transformação de gênero podem ser encontradas na relação arbitrária entre esses atos, na possibilidade de diferentes tipos de repetição, na repetição quebrada ou subversiva dessa estilização²⁷.

²⁴ BALDWIN, 2018, p. 68

²⁵ AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

²⁶ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pag. 198

²⁷ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pag. 52

Para Butler (2010), esse binarismo, que observamos dentro e fora da obra em análise, parte mais de uma imposição da sociedade heteronormativa, busca de forma coesa fazer um controle que condena os indivíduos que não se adequam às suas regras e normas sociais. Mas, dentro dessa sociedade, sempre vão existir pessoas como David, que transgridem, embora muitas vezes de forma velada, as regras e comportamentos, subvertendo-os. Ele, comprometido com Hella, se apaixona por outro homem, Giovanni, e percebe como sua sexualidade é mutável, inconstante e imprevisível. No seu íntimo, David sabe que sua relação com outro homem, em grande parte da obra com Giovanni, é condenada socialmente.

No caso em tela, temos que o personagem não se reconhece enquanto sujeito dentro de sua sexualidade e sente-se um estanho dentro do próprio corpo que habita:

O corpo no espelho me obriga a me virar e encará-lo. Eu olho para meu corpo, que está como que sentenciado à morte. Ele é esguio, rijo e frio, a encarnação de um mistério. E eu não sei o que se move dentro desse corpo e nem o que este corpo está procurando. Ele está preso no meu espelho, assim como preso no tempo e anseia por uma revelação[...]”²⁸

O que de fato temos é que David possui uma identidade de gênero fragmentada, na qual habita o “eu” socialmente aceito e os outros, aqueles que não podem ser evocados à luz do dia. Percebe-se, então, com vistas aos diferentes momentos da narrativa, que um ser diferente, como no caso de um homossexual (e aqui colocamos que esta designação faz parte de um dos universos possíveis de identidade de David, e não que seja essa a sua sexualidade, uma vez que em momento algum da obra o personagem se classifica como tal), está possibilitando a emergência de diversas outras formas e variantes das identidades de gênero.

Essas questões envolvendo gênero e identidade ficam bem presentes desde o início da obra, onde as performances de Butler (2010) podem ser percebidas nas mais variadas atitudes de David, quer seja tentando esconder seu desejo pelo semelhante, frente aos ditames de uma sociedade heteronormativa, bem como na situação contrária: “Haverá uma moça sentada à minha frente que não vai entender por que não estou flertando com ela, que vai ficar tensa com a presença dos recrutas. Tudo será o mesmo de sempre, só que estarei mais silencioso.”²⁹

Nesta passagem, observamos que David se empenha para repetir os gestos de linguagem, as performances sociais, que buscam abalar a imagem dele que mostra um dos seus “eu” homossexual frente a uma máscara por ele criada de heterossexual. Essa figura idealizada

²⁸ BALDWIN, 2018, p. 209

²⁹ BALDWIN, 2018, p. 28.

da heteronormatividade, que faz parte da construção dele, busca tentar referenciar seus gestos, atitudes e modos de ser numa tentativa de abalar sua verdadeira sexualidade.

Tal imposição normativa advém da cultura e da sociedade onde a pluralidade de gênero e sexualidade são marginalizadas e punidas nos pilares de valores e crenças das práticas heterossexuais. Segundo Foster (2011), “por heteronormatividade, entende-se a urgência imperativa de ser heterossexual e defender em todos os momentos e a todo custo a primazia do heterossexual (entender o que é entendido por esse termo)³⁰.” De certa forma, a sociedade estabelece certa simbiose entre o que é biológico e as variedades de gênero e sexualidade.

Embora tendo por base o sistema sexualidade/gênero/heteronormatividade, o que podemos entender como modelos normativos sempre tente manter certo equilíbrio e continuidade, passando a visão globalizada de algo naturalizado, temos que ter em mente que sempre existirão fatores que levam os indivíduos, assim como David, a não cumprirem certas expectativas. Podemos pontuar que este tipo de formatação social (heterossexual) pode passar por diversas novas modelagens, pois existe na formação humana certa pluralidade de comportamentos, de inversão de valores e recriação de conceitos que devem ser levados em conta. O indivíduo, em sua particularidade social e cultural, é um ser intrínseco, no qual residem subjetividades bastante próprias e que não podem ser modelados conforme padrões já estabelecidos. Neste ponto, nos alerta Goffman (1988),

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída.³¹

Para o autor, ainda sobre o enfoque da estrutura das sociedades, é possível afirmar que ele entende que os sistemas sociais categorizam as pessoas, bem como os atributos constituídos para cada grupo. Seguindo essa linha, quem foge a estes padrões está sujeito à tipificação social, ou seja, esses sujeitos passam a ser estereotipados e diminuídos socialmente. Assim, é possível pontuar que, no que tange à percepção de gênero, ela pode ser vista, partindo das inúmeras facetas teóricas trabalhadas até aqui, como reverenciadora de papéis sociais bastante delimitados, classificatórios e excludentes, uma vez que, nesta perspectiva, aquele que nasce

³⁰ Foster, D. W. (2001). Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura Latinoamericana. *Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Letras - Universidade Federal de Santa Maria*. <https://doi.org/10.5902/2176148511823>. Pág.49

³¹ Goffman, E. (1988). Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. *Antropologia Social*, 158. <https://doi.org/10.1097/HRP.0b013e31827d7df4>

com um pênis ou uma vagina será defrontado para se tornar, obrigatoriamente, um homem ou uma mulher.

Outro ponto que deve ser levado em questão com relação a David e Giovanni tem relação com a negociação existente entre identidade, já aludida aqui, e sexualidade, que trabalharemos logo mais adiante. Nós buscamos até o presente momento mostrar como esses platôs criados por Baldwin em sua obra podem ser alocados dentro de um universo em que existe um debate forte entre as questões de gênero e os ditames normativos. Atentemo-nos para este trecho:

E que tipo de vida – acrescentei – poderia ter neste quarto... neste quartinho imundo? Que tipo de vida podem dois homens ter juntos, afinal? Todo esse amor de que fala... não é apenas o que deseja para sentir-se forte? Você quer sair e fazer o papel do grande trabalhador, que traz o dinheiro para casa e deseja que eu fique aqui lavando pratos, fazendo a comida e limpando este cubículo miserável e que me deite em sua companhia à noite, seja sua *menina*. É o que quer³².

David, diferentemente de Giovanni, recusa o meio no qual está inserido “potencialmente”, mas, ao mesmo tempo, ele não consegue construir para si um espaço, um meio de intimidade autônomo, próprio. Ele não se aceita enquanto homossexual, não vendo perspectiva de vida ao lado de outro homem, assim como também não se sente à vontade dentro do espectro da heterossexualidade. Quando Connel apud Fialho (2006) redesignou o termo heteronormatividade³³, foi para demonstrar o desempenho que a heterossexualidade tem dentro das sociedades constituídas. Nota-se isso pela própria forma pela qual David está em constante diálogo interno com seus “eus”, ora combatendo-os, ora se entregando aos prazeres das suas escolhas mais adoráveis.

Ainda sobre o tema, Connel (1995) nos alude ao fato de que os estudos que recaem sobre as temáticas de gênero e sexualidade vêm tomando destaque dentro das mudanças de pensamento das ciências sociais e do pensamento social contemporâneo haja vista o fato de que cada vez mais as sociedades passam por intensas transformações no que tange às performances sexuais dos indivíduos. O mundo se tornou misto, múltiplo e fragmentário. Observa-se também, dentro desta cultura da heteronormatividade, que os indivíduos pertencentes aos grupos considerados marginalizados acabam por sofrer certas agressões, sejam elas físicas ou simbólicas.

³² BALDWIN, 2018, p.181.

³³ CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Apud FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado entre os dias 28 e 30 de agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, p. 4.

Naquela época não conhecia muita gente em Paris, e Hella estava na Espanha. Em sua maioria meus conhecidos na cidade faziam parte, como dizem as vezes os parisienses, do *milieu*, e se por um lado *le milieu* estava claramente ansioso por me incorporar, eu, por outro, estava decidido a provar, para eles e para mim mesmo, que não era um deles³⁴.

David tenta mostrar-se numa posição que conversa com os princípios e normas da heteronormatividade, que dita que, seja heterossexual ou homossexual, o indivíduo não deve mostrar algum comportamento “afetado”, o que geralmente é percebido naqueles que fazem parte dos guetos aos quais o personagem chama de “*le milieu*”, ou o meio, e performam mais afeminadamente. Caso contrário, o indivíduo irá sofrer coerções das mais diversas ordens, tanto por aqueles que estão ao seu redor como por si próprio, como é o caso de David que se martiriza com a negação daquilo que ele é.

O discurso da homofobia³⁵ presente na fala de David representa a intolerância que a sociedade tem para tudo aquilo que é considerado uma transgressão de gênero. Um homem, quer ele com uma ou outra sexualidade, tem que, em seu estereótipo, representar com poder o sexo masculino, reforçando com isso o sexismo presente na sociedade, que é entendido como sustentáculos de opressão. Diversos fatores apontam para a questão de que gênero e sexualidade não se sustentam, enquanto paradigmas, dentro somente do universo que envolve biologia e sustentação cultural.

Devemos ter em mente que o gênero de um indivíduo se constitui da interação exponencial existente entre fatores sociais e biológicos e as escolhas pessoais de cada um, afirmando com isso tanto a natureza física, como a social. Por outro lado, rumando a contrapelo, temos a heteronormatividade, que diferentemente procede de maneira coercitiva utilizando-se da imposição de gêneros, que provocam “preconceitos, ausência de acolhimento familiar, homofobia, discriminações e suicídios de indivíduos divergentes.”³⁶

Sobre todos os aspectos demonstrados aqui, revela-se, por meio da escrita de James Baldwin e de seus personagens, tomando por foco David, que as principais ferramentas de imposição de gênero, e de cultivo da heteronormatividade, estão correlacionadas ao fato da própria estrutura de identidades fragmentadas. Ademais, o próprio sistema de preservação de certas normas sociais impõe e empurra os personagens da trama de *O quarto de Giovanni* para uma naturalização e distinção de comportamentos e regras, perfazendo um sexismo que está de

³⁴ BALDWIN, 2018, p.48.

³⁵ Homofobia está relacionado ao medo da sociedade em relação aquilo que não é comum, díspar.

³⁶ Navasconi, P. V. P., & Moscheta, M. dos S. (2017). O Existente Inexistente: A Interseccionalidade de Raça, Sexualidade e Suicídio. (Universidade Estadual de Maringá, Ed.). Paraná: Simpósio Internacional em Educação Sexual. Retrieved from <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3179.pdf>

acordo com determinadas formas de representação. David acaba por se tornar o espelho do que cultiva a norma heteronormativa dentro da cultura social, e os demais protagonistas da trama perfazem uma sistemática de demonstração das múltiplas faces das performances de gênero de que dispomos. Mas, ao certo, o principal discurso que durante a narrativa não se deixa claro é com relação ao entendimento do próprio David acerca de sua identidade sexual. Mas, existe de fato uma sexualidade definida dentro desse personagem interlocutor?

1.3 Entre Margens: sexo e sexualidade além do quarto

Um ponto de destaque que devemos levar em conta sobre *O Quarto de Giovanni* acerca dos debates em torno das questões discutidas na obra, é com relação ao momento de sua própria escrita. James Baldwin produz a obra durante seu autoexílio na França. Por este motivo, sua escrita foi vista como uma produção entre fronteiras, na qual os temas convergem para questões acerca das dissonâncias sociais que afetam os indivíduos pertencentes ao *milieu*. Sobre esta questão, aludimos ao ideário de que, tal como a escrita de Baldwin tende a esses movimentos de margens, de fronteiras, seus personagens, como David e Giovanni, podem ter sua sexualidade entendida como deslizante e fronteira.

O mundo de Baldwin, visto pela ótica da obra em análise, é uma versão de mundo, onde o início é também o fim e o começo, onde a sexualidade é falada pela diversidade e pela diferença. David e Giovanni vivem um relacionamento homoerótico, marcado pelo cruzamento de fronteiras, aqui entendidas pelas questões de concepção sexual dos dois, de território geográfico e social. David, estadunidense, “heterossexual”, noivo, formado, e Giovanni, italiano, “homossexual”, libertador. São esses movimentos de fronteiras subjetivas que vão criando as condições necessárias para o debate em torno das questões referentes à sexualidade de ambos.

Quando os dois resolvem passar a morar juntos, a fronteira muda e, de certa forma, temos o condicionamento entre os âmbitos da sexualidade e da delimitação do espaço físico por meio do quarto, tema que será trabalhado com mais detalhes no terceiro capítulo desta dissertação. A dimensão da sexualidade para os dois emerge da simbologia de desestabilização do padrão sexual pelo afrontamento ao sistema heteronormativo. Decerto, devemos pontuar que a relação entre os personagens é o ponto de dissensão encontrado pelo autor para afrontar uma sociedade pautada pela crítica e perseguição social das classes omissas.

A relação do casal é exaltada e concretizada nesse universo, o que vai de encontro às questões normativas impostas pelas instituições de poder existentes, tais como o Estado, a Igreja

e a Família. Deve-se levar em conta também nesse contexto que o livro, a estória em si, foi construído num período em que o ser homossexual era algo muito perigoso, exatamente pelo fato de que estas instituições, que buscavam controlar a sexualidade da sociedade, tinham de manter sua hegemonia.

A sexualidade é um tema que, ao longo da história, ganhou notoriedade, principalmente sobre tudo aquilo que caracteriza o “homossexual”. Mas, o que caracteriza o comportamento “homossexual”? Podemos colocar a relação existente entre David e Giovanni como tal? Ao longo da leitura da obra, flutuamos entre o que entendemos sobre o que David quer para si e para o outro. O que move seus instintos e o que o afasta deles. Para tanto, Jurandir Costa Freire (1995) nos aponta que uma relação não pode ser exatamente definida, “etiquetada” como homossexual. Isso porque há de se considerar toda uma dispersão cultural a esse respeito, inclusive do ponto de vista histórico³⁷.

Na Grécia Antiga não existia a noção de homossexualidade, pois a relação entre os homens, quando se tinha o objetivo de alcançar o equilíbrio de ambas as partes através da troca de conhecimento, era válida³⁸. Na Grécia, a noção estava ligada ao encantamento com o belo, diferente da noção da sexualidade que temos hoje, pois os parâmetros eram outros. A condição que associamos ao “homossexual” e à “homossexualidade” hoje é diferente, pois vivemos contextos culturais contemporâneos, nos quais, com base em crenças e convicções, geramos interdições sexuais e permissões de performances.

No que tange a estes aspectos, chegamos ao fato de que sexualidade e, conseqüentemente, a noção de homossexualidade, estão mais ligadas a fatores culturais e sociais do que a ideias construídas aleatoriamente, sendo uma prática, e não somente uma teoria acerca de algo ou sobre algo. Determinados fatos confirmam que existem ao longo do tempo comportamentos que podem ser tidos como homossexuais, e que durante a construção da narrativa em torno de David e Giovanni podemos perceber constantemente esses marcos:

Eu tremia. Pensei: se não abrir a porta agora mesmo e não sair daqui, estou perdido. Mas eu sabia que não podia abrir a porta, sabia que era tarde demais; e em pouco tempo era tarde demais para fazer outra coisa que não gemer. Ele apertou-me contra si, jogando-se em meus braços como se quisesse que eu o carregasse, e lentamente deitou-me junto com ele naquela cama. Tudo dentro de mim gritava *Não!*, e no entanto o somatório de mim suspirava *Sim*.³⁹

³⁷ COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 45

³⁸ Idem. P. 32

³⁹ BALDWIN, 2018, p.95.

Para Costa (1995), o homossexual pode existir dentro do espectro de prática, não como marco identitário de alguém⁴⁰. O autor sugere que existir um “homossexual” é tal como existir uma noção de pessoas com características físicas e psíquicas próprias. Em outros termos, “o homossexual” seria uma pessoa que estaria dentro de uma categorização e densamente estereotipada. Sobre isso, podemos pontuar que o que existe entre David e Giovanni não pode ser visto como uma relação homossexual, visto que existe um deslocamento e instabilidade entre as identidades sexuais de David, mas sim, como uma relação homoerótica, que, para Costa (1992), não é nem um conceito, mas uma tática argumentativa, um processo de subjetivação, que longe de ser uma caracterização identitária de sexualidade, está mais para uma diferenciação, uma experimentação do novo, do diferente.

Podemos afirmar que, de acordo com as ideias vistas acerca de homossexual e sexualidade, em *O quarto de Giovanni*, não é abordado esse termo como uma condição clara e constante, mas como uma disposição sentimental, e muitas vezes física, que pode ser experimentada pelos dois durante o decorrer da narrativa. Ao nosso ver, David e Giovanni experimentam uma relação homoerótica, e não homossexual. Mas quais argumentos nos levam a crer nesta tese? Ao nosso ver, a sexualidade personificada na atenção dada ao desejo sexual existente entre os dois responde aos nossos questionamentos. Vejamos como.

Permeada de homoerotismo, vemos na narrativa que David por vezes tende a resistir ao desejo, mas acaba se entregando aos prazeres ao lado de Giovanni. Esse antagonismo existente entre a relação dos dois funciona como uma medida de ruptura que tem uma funcionalidade própria. O desejo sexual, ainda que venha permeado de sofrimento, traz prazer, pluralidade e intensidade. Ainda sobre o desejo, ele deve ser visto como um produtor do sujeito que não possui uma identidade fixa.

Mediante essa perspectiva, o desejo funciona na obra como uma produção social, que está envolto por uma multiplicidade de sentimentos e subjetividades. Na obra, o desejo vem marcado pelo amor marginal entre os dois, por vezes imoral, permeado pelo binarismo “conflito e opressão” em relação a prazer e realização:

As pessoas são multiformes demais para ser tratadas com tanta leviandade. Sou multiforme demais para merecer confiança. Não fosse isso, não estaria sozinho nesta casa agora. Hella não estaria em alto-mar. E Giovanni não estaria prestes a morrer, em algum momento entre esta noite e a manhã que vai nascer, na guilhotina.⁴¹

⁴⁰ COSTA, Jurandir Freire. *A Face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Editora Escuta, 1995. pág. 34

⁴¹ BALDWIN, 2018, p.30.

A principal matriz emergente da relação sexual dicotômica existente entre David e Giovanni está baseada no discurso em torno da sexualidade. O termo, como dito, ganha novas roupagens e entendimentos conforme o contexto cultural e social no qual está inserido. Logo, não a de se pensar em uma sexualidade dissociada da vontade de um poder maior, dogmático e repressivo. Sobre este viés, Foucault (1988) trabalha com a ideia de negação da ideia da “hipótese repressiva⁴²” com relação ao sexo, visto que para ele as limitações impostas acerca do discurso sobre este assunto vão bem mais além. Reforça ele:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções.⁴³

Durante o desenvolvimento deste capítulo, buscamos verificar no romance em análise, principalmente, como temas como gênero, heteronormatividade e identidade são construídos, e partindo destes sentidos, buscamos analisar as questões acerca da sexualidade. Mas, para isso, torna-se necessário fazer uma análise do poder que faz com que as relações estabelecidas entre o casal David e Giovanni possam ser engendradas e capazes de serem determinadas.

São esses determinantes, esses signos que fazem com que tanto a sexualidade como a própria identidade de David sejam tão difíceis de serem determinadas. Neste sentido, podemos defender que isso, essa inconstância do personagem pode ser vista como um recurso estilístico usado por James Baldwin para provocar desconforto com relação às situações cotidianas que fazem com que as pessoas sejam cada vez mais inadaptáveis à sua condição de gênero e escolhas sexuais.

Foucault (1988) enumera cinco tipos de representação discursiva do poder sobre o sexo: a relação negativa; instância da regra; ciclo de interdição; lógica da censura; e unidade do

⁴² Sobre esta hipótese, defendida por teóricos como o psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957) e do sociólogo e filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979), a repressão sexual atrela-se ao sistema capitalista, que via como desperdício o sexo que não fosse para reprodução. Ver em: FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁴³ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 9.

dispositivo⁴⁴. O que distingue a relação existente entre o sexo com o poder jaz sobre a questão relativa à repressão dos instintos e a lei do desejo, isto é, a maneira de conceber a natureza dos desejos e das pulsões sexuais e a de conceber o poder. Na relação negativa, o poder se exerce por meio do mascaramento, da recusa, da rejeição, pois a única coisa que se consegue fazer com a sexualidade é a negação. Neste sentido,

Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. “Que vergonha! Que vergonha!”, por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um aspecto minúsculo do terrível emaranhado humano, ocorrendo por toda a parte e sempre sem fim⁴⁵.

A negação se torna o único viável possível em relação às atitudes de David, que não consegue ver uma vida ao lado de Giovanni, mas, ao mesmo tempo, não deixa de se eximir de seus desejos.

No tocante à instância da regra, temos que o poder determina a regra que determina o que é e o que não é dentro da sexualidade, mostrando o que é lícito e o que é ilícito, proibido e permitido. Podemos entender esta instância da regra quando David tenta prever seu futuro ao lado do seu amante:

E que tipo de vida – acrescentei – poderia ter neste quarto... neste quartinho imundo? Que tipo de vida podem dois homens ter juntos, afinal? Todo esse amor de que fala... não é apenas o que deseja para sentir-se forte? Você quer sair e fazer o papel do grande trabalhador, que traz o dinheiro para casa e deseja que eu fique aqui lavando pratos, fazendo a comida e limpando este cubículo miserável e que me deite em sua companhia à noite, seja sua *menina*. É o que quer!⁴⁶

Neste caso, o poder atua impondo e estabelecendo regras, dessa forma, partindo do extrato acima, vemos como as condições sociais importam dentro das relações afetivas, criando modelos de regulamentação, pois na fala de David, ele compara, sarcasticamente, a relação com outro homem, ao padrão tradicional de sexualidade heteronormativa que devora?!?! a contemporaneidade. Sobre este aspecto, nos volta um outro posicionamento de Foucault (1988) acerca da temática, pois embora haja o poder emitindo proibições, os atos libidinosos feitos em surdina eram aceitos⁴⁷.

⁴⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

⁴⁵ BALDWIN, 2018, p.93.

⁴⁶ Voltemos a mesma citação vista a aprofundar o tema proposto. BALDWIN, 2018, p. 181.

⁴⁷ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Pág.38

Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro. O rendez-vous e a casa de saúde serão tais lugares de tolerância: a prostituta, o cliente, o rufião, o psiquiatra e sua histérica [...]; as palavras, os gestos, então autorizados em surdina, trocam-se nesses lugares a preço alto. Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo⁴⁸.

Isso nos revela o terceiro ponto de discursividade do poder sobre o sexo: o ciclo das interdições ou das proibições. O poder, ao determinar uma lei de proibição do sexo, tem o objetivo de encerrar em si mesmo o próprio sentido de si. Nos constantes momentos em que encontramos David coagindo seu próprio eu e seus próprios comportamentos, podemos perceber que existe uma intimação por meio de uma supressão de desejos dele para com o outro. O dilema existente entre o que o personagem desempenha na maior parte do tempo, no sentido de dissuadir-se de seus impulsos sexuais, e os comportamentos que ele considera moralmente aceitos perfazem o que podemos chamar de lógica da censura, bem como designando seus dispositivos.

No mundo ocidental, o discurso repressivo acerca da sexualidade e suas múltiplas formas de interdição e variantes de inexistência vem em seu entorno trazendo diversos interesses acerca de se escrever a respeito de como esses pressupostos causam sofrimentos individuais, conscientes ou inconscientes, nos indivíduos. Foucault (1988) nos alerta que o fomento deste discurso se apoia na vertente sexo-saber-prazer, em outras palavras, o discurso do poder atingiu diferentes pontos do desejo, da mesma forma que indicou e controlou os prazeres cotidianos por meio de “[...] efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas, também, de incitação, de intensificação, em suma, as ‘técnicas polimorfadas do poder.’”⁴⁹

[...] Daí o fato de que o ponto essencial (pelo menos, em primeira instância) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo; mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o ‘fato discursivo’ global, a ‘colocação do sexo em discurso’. Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos, o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas.⁵⁰

⁴⁸ Idem, ibidem, pág. 10

⁴⁹ Idem, ibidem, pág. 17

⁵⁰ Idem, ibidem, pág. 16

O romance em tela contempla uma relação aparentemente movida entre a negação da sexualidade e a intensificação dos desejos, o que nos mostra que David age paradoxalmente em relação aos seus instintos sobre Giovanni. Deste efeito, temos como o discurso acerca da sexualidade age sobre os personagens, ora os permitindo ser eles por eles, ora os questionando sobre o real sentido de sua relação marginal. Giovanni, ao contrário de David, age assumindo sua libertação, pela qual sua identidade poder ser vivida livremente, o que nos leva a crer que ele age contrariamente à moral estabelecida e à aceitação social.

As atitudes de David, por outro lado, nesta perspectiva, entendem que a desejada liberdade sexual sofre inúmeros impeditivos, o que o condena, segundo sua própria interpretação, a um mundo de subterfúgios, que só os podem levar a uma condenação social, e a uma relação subjetiva, atrelada somente ao prazer. Assim, ao negar sua própria homossexualidade, David seria levado em si a viver uma vida de negação, na qual o proibido, o tal sexo desejado e negado por ele, só poderia ser experimentado na completa obscuridade, longe dos olhares daqueles que podem e devem, segundo sua formação social, julgá-lo.

Se este tipo de interdição, criado no imaginário de David, leva a um isolamento social, o quarto serviria como, longe da vista dos outros, um lugar onde a relação amorosa poderia ser vista com naturalidade. Neste caso, a vivência de uma identidade de gênero, que só poderia ser vivida naquele espaço, suscita uma certa adequação ou mesmo equiparação ao que Foucault (1988) chama de recorrência proibitiva, que significa o comportamento pelo qual o sujeito abdica de si, para não ser proibido de viver sua liberdade considerada normal em outros espaços sociais. Neste sentido, na contemporaneidade, podemos aludir a este fato aos chamados guetos, ou boates e espaço de convivência homossexual, onde as liberdades sexuais não passam pelo jugo dos demais membros da sociedade.

Na relação sexual estabelecida pela obra, existe como observado uma interrelação entre sexo e poder, estabelecida pelos termos querer e poder, sendo possível subtrair que, em relação a David, o poder seria a ordem estabelecida: poder viver aquela realidade, poder estar com Giovanni sem ao mesmo tempo existir para as demais pessoas, poder não ser julgado, ou recriminado, desde que aquele tipo de relação não se estabeleça além daquele quarto. O quarto, como dito, funcionaria como uma espécie de espaço de fuga, onde só se poderia existir ali. Reiteramos que as questões referentes a esta problemática serão mais profundamente analisadas no terceiro capítulo deste trabalho.

Ainda sobre o viés da sexualidade, e todos os seus questionamentos, e seguindo uma linha de análise foucaultiana, temos que o termo não pode ser entendido como algo

propriamente natural e inerte ao próprio sentido de sexo⁵¹. Para o autor, o termo sexualidade deve ser entendido como um dispositivo, e no sentido histórico da palavra, não é algo dado, ou apreendido sobre o calor da realidade, mas sim perfaz o sentido próprio da estimulação dos corpos, a intensificação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeando-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder⁵².

Seria possível, dentro deste mecanismo de análise das relações estabelecidas entre poder, saber e subjetividade, distingui-los então? Dentro desta perspectiva dos mecanismos de controle do sexo, temos que esses termos não têm uma significação própria, definida, mas fazem parte de uma rede de variáveis que se conectam entre si. Embora Foucault (1988), dentro dos estudos acerca da sexualidade, não tenha estabelecido um termo exato para definição de dispositivos, é possível determiná-lo por meio de três panoramas de entendimento, a saber:

- 1) Um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não-linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas etc. Dispositivo em si mesmo e a rede que se estabelece entre esses elementos.
- 2) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder.
- 3) É algo de geral (um *reseau*, uma 'rede') porque inclui em si a episteme, que para Foucault é aquilo que em uma certa sociedade permite distinguir o que é aceito como um enunciado científico daquilo que não é científico⁵³.

O sentido próprio do termo nos permite inquirir sobre como o próprio mundo social se constitui, percebendo seus deslocamentos e como as redes de poder e seus sistemas ganham visibilidade, aplicando-os dentro das relações sociais. O termo poder, aqui diversas vezes colocado, parte do princípio onde a cultura heteronormativa se constitui e se afirma. Neste sentido, para Foucault (1984), existe uma relação latente, dentro da sexualidade, em contrariedade aos mecanismos dos dispositivos, entre o ser desejante e aquilo, ou sujeito, que é desejado.

David, neste sentido, busca uma masculinidade ideal, em contraposição ao seu lado desejante homossexual, sendo perceptível esta questão, referente ao dispositivo de controle social, quando Jaques, outro personagem secundário, chacota de sua condição heterossexual imaculada:

Eu não estava sugerindo que você comprometesse, nem por um segundo, essa

⁵¹ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Pág.120

⁵² Idem, ibidem, pág. 100

⁵³ AGAMBEN, Giorgio. O que é dispositivo. In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009. Pág.9

– ele fez uma pausa – essa virilidade *imaculada* que te dá tanto prazer e orgulho. Só falei para *você* fazer o convite porque é quase certo que ele diga não se *eu* fizer.⁵⁴

Ao intrigar o início do relacionamento, Jaques faz florescer o questionamento sobre a própria concepção de David sobre o que era aquilo tudo. O lado intrigante da trama se dá ao fato de que, contrariamente de David, Giovanni também advém de um relacionamento heterossexual, do qual teve um filho e que, por meios trágicos, veio a falecer na infância. No que tange a estes aspectos, vemos que a visão estereotipada de David em relação à masculinidade é pertinente somente à visão dele, e incompleta, visto que Giovanni, enquanto se identificava com a identidade heterossexual, cumpriu esse papel mais idealizado de um modo mais eficiente de acordo com o padrão do que David.

Sendo assim, dentro do campo dos debates acerca de sexualidade, entende-se que os sujeitos acabam por se tornar disciplinados, seguindo a lógica de que “a disciplina fabrica indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”⁵⁵. Portanto, David vive sua homossexualidade dentro do que ele enxerga como uma normalidade imposta, que advém dos padrões que a sociedade espera dos indivíduos. Mas, sobre esta perspectiva, para que haja equilíbrio social, as partes da sociedade que precisam se tornar invisíveis são necessárias para que os indivíduos que são necessários a esta (heteronormal) possam se tornar visíveis.

Todos esses questionamentos nos levam a crer que a questão também da sexualidade e, mais precisamente, a questão da homossexualidade, passa mais precisamente por questões morais e sociais, que as demais (outras). Neste ponto, Louro (2004) nos afirma que:

Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distintivo⁵⁶.

No que tange a estes aspectos, podemos dizer que a dominação masculina, representada pela sexualidade vigorante e explicada pelas atitudes de David, passa muito mais a ser uma violência simbólica dentro do campo das relações estabelecidas entre os indivíduos. Sobre isto, Bourdieu (2005) nos alerta que as questões referentes a esta violência são complexas e importantes, visto que:

⁵⁴ BALDWIN, 2018, p. 58.

⁵⁵ FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Op. cit., p. 153.

⁵⁶ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 30.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento⁵⁷.

Para o autor, a violência simbólica reside exatamente no indivíduo, ao tempo em que ele tenta ser socialmente aceitável, e consiste no poder de impor significações ao contexto das escolhas individuais. Segundo esta linha de pensamento, existem dentro do sistema social divisões significativas, nas quais as relações de dominação e exploração são os lugares em que os gêneros se instituem ou, precisamente, onde o símbolo do masculino classifica todas as coisas do mundo, não fugindo as especificações subjetivas.

A construção social da masculinidade, como um lugar simbólico que gera o que chamamos de violência velada, demonstrada no comportamento paradoxal de David, nos remete à noção de que, no decorrer da história, existe uma classificação que parte de princípios de divisão e de visão cujo objetivo é a construção de uma ordem sexual, tendo a masculinidade como seu paradigma. Portanto, embora existam conceitos, que ora podemos propor como distintos e justapostos, as temáticas trabalhadas neste capítulo, tais como gênero, sexualidade, heteronormatividade e identidade se constituem como dispositivos que se engendram na verdade num processo de autoconstrução dos sujeitos, tais como David.

Ao problematizar a instituição das identidades e os problemas de gênero presentes nos comportamentos de David em relação ao seu caso com Giovanni, buscamos demonstrar que existe uma emergência de outras subjetividades latentes, que, por meio da experimentação da sexualidade, tornam-se visíveis socialmente. Mas, dentro deste universo, não apenas os debates sobre as sexualidades emergentes de David dentro da obra devem ser levados em conta. Existe uma necessidade, tal qual a de problematizar a questão em tela, de ver por que mecanismos estas sexualidades marginais são oprimidas. Ao estigmatizar um eu em si, David nos demonstra como o poder da sociedade influi sobre a vida dos indivíduos. Acerca deste tema, trabalhamos, no segundo capítulo, como o estigma e as relações estigmatizantes constroem e desconstroem os personagens em *O quarto de Giovanni*.

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Pág. 7

2 Normais e estranhos: o acordo das exceções sociais

2.1 Um consentimento à marginalidade

Quando falamos em revoluções comportamentais, aquelas relacionadas à construção social e ambiental de determinados grupos de indivíduos, devemos pôr em pauta as modificações que foram levadas em conta nos anos de 1960 e 1970, as quais repercutiram de forma violenta e veloz nas estruturas sociais posteriores. No seio desses anos retratados, podemos perceber que as minorias começavam a ter voz ativa, vindas de fortes tendências de movimentos pós-estruturalistas e feministas, sendo comumente chamadas de Art Queer ou Homo Art.

É dentro deste intervalo que temos o desenvolvimento da obra aqui analisada por nós: *O quarto de Giovanni*, de James Baldwin. A relação torta e conflituosa estabelecida entre David e Giovanni nos permite adentrar em diversos espectros de análises e possibilidades. No trabalho elencamos algumas, que deram margem a discussões e possibilidades de análise. No primeiro capítulo, analisamos as questões relacionadas às discussões de gênero e heteronormatividade, o que nos gerou duas outras situações de questionamentos, das quais trataremos neste e no próximo capítulo.

Um dos pontos que adveio com o primeiro capítulo foi o relacionado às próprias construções de David, que constrói para si um mundo de mundos, ou seja, na sua relação com Giovanni observamos que ele nunca está conformado com seu próprio consentimento de viver sua vida de forma plena. David encara seus sentimentos e desejos de forma condenável e antinatural, o que advém de uma construção social acerca da própria heteronormatividade encrustada em seu seio psicológico. É por meio desses momentos de dúvidas de David que podemos constatar outro viés dentro da obra: a construção do estigmatizado.

David é uma das representações do universo de possibilidades que existe dentro da homossexualidade, que podemos chamar de “inconformidades sexuais”, que seriam aqueles indivíduos que não se sentem confortáveis dentro de um universo ou um conjunto de universos em que estão inseridos. Neste aspecto, podemos aluzir a um mito grego bastante recorrente a esta situação do ato estigmatizante: o mito de Procusto⁵⁸.

⁵⁸ BLOG MITOLOGIA. O Leito de Procusto. Disponível em: <<https://mitologica.blogs.sapo.pt/o-leito-de-procusto-304>>.

Nele, temos a figura de um ser chamado Procusto, que vivia na serra de Elêusis, na Grécia. Procusto tinha uma mania de convidar os viajantes que por ali passavam a experimentar sua cama, que era feita com suas próprias medidas. Porém, ao passo que o convidado se deitava nela, seu corpo parecia não se encaixar, ficando muito grande ou muito pequeno. A criatura intervinha então corrigindo os desvios de padrão, ora se cortando o excesso, ora se esticando até caber. O que ninguém sabia era que, internamente, Procusto guardava para si dois tamanhos de cama.

Neste sentido, o corpo, o comportamento, os gestos, as escolhas do outro nunca teriam as mesmas medidas da cama de Procusto, ou seja, tudo não é uma questão de proporções, mas sim de encontros e desencontros, qualificando o não desejável em um instante. A noção pregada pelo “mito da cama”, através de uma metáfora, corresponde a uma concepção em que se condena a normalidade alheia. Neste sentido, entende-se o estranhamento do outro, no caso, David, que não pode evitar suas concepções de normalidade. É dentro deste espectro de análise que nos debruçaremos neste capítulo, a fim de analisar o ato estigmatizante dentro da obra *O quarto de Giovanni*, construindo os conceitos apoiados em discussões acerca de teóricos que embasam nossas percepções.

2.2 O Procusto de David

Estigma é um conceito socialmente presente desde as sociedades pré-helenísticas, como a Grécia antiga. Porém, a partir da década de 1960 do século XX, esse conceito se tornou ainda mais forte com Goffman (1975), que atribuiu ao termo a participação da sociedade como agente ativo no processo de sua formação. Em seu livro *Estigmas: notas sobre a manipulação de uma sociedade deteriorada*, podemos perceber o fundamental interesse do autor em conceitualizar e refletir sobre os estigmas sociais, vendo com isso o impacto negativo da profusão do termo sobre a vida dos estigmatizados.

O conceito de estigma proposto por Goffman é permeado pela ideia da presença física entre estigmatizados e os considerados normais pela sociedade. A relação social estabelecida ocasionalmente entre os ambientes propicia uma discussão acerca das conexões estabelecidas entre as pessoas previstas e as esperadas para tal ambiente, ou seja, trazendo ao universo particular de nossas vivências, podemos colocar como sendo o mundo em que estamos inseridos, normativo e heterossexual, e o mundo dos “avessos” trazidos por aqueles que não estão de acordo com a norma social.

Com isso, podemos afirmar que as pessoas “normais” preveem e categorizam atributos a um estranho quando ele se aproxima. Essas concepções estabelecidas entre os normais são transformadas no que Goffman estabeleceu como sendo “expectativas normativas em exigências apresentadas de modo rigoroso⁵⁹”. No entanto, podemos destacar que os normais por vezes ignoram essas concepções até que surja um novo questionamento a partir do qual seja necessário criar afirmações daquilo que o outro deveria ser.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...]⁶⁰

Portanto, para Goffman, a sociedade tenta estabelecer meios de qualificar os indivíduos em categorias, com o intuito de torná-los comuns ou estranhos dentro dela. Esse primeiro contato com o termo nos suscita um momento em particular na obra em análise, no qual David põe seus próprios comportamentos em relação ao outro em forma de escapamento do normal:

Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. “Que vergonha! Que vergonha!”, por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um aspecto minúsculo do terrível emaranhado humano, ocorrendo por toda a parte e sempre sem fim⁶¹.

Do ponto de vista das relações estabelecidas entre as identidades reais e virtuais, podemos afirmar que o processo de estigmatização não ocorre com a existência de um atributo ou um conjunto de atributos em si, mas pela relação de incongruência entre os atributos sociais e os estereótipos existentes, como o que suscita o trecho acima. Os normais criam atributos/estereótipos distintos de um indivíduo para outro, o que caracteriza e constrói a relação de estigmatização, ou seja, “o termo estigma, portanto, será usado como referência a um atributo profundamente depreciativo em relação ao outro⁶²”. Devemos lembrar que esses termos estão mais associados a questões da linguagem das relações do que dos atributos em si. Com isso,

⁵⁹ Goffman, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975. Pág. 12

⁶⁰ Goffman, E. Op. Cit., pág. 12

⁶¹ BALDWIN, James. *O quarto de Giovanni*. Affonso Blacheyre (Trad.). Osasco-SP: Novo Século Editora, 2008, p. 87.

⁶² Goffman, E. Op. Cit., p. 13

podemos destacar que Goffman teoriza a questão dos estigmas como sendo uma espécie de identidades deterioradas por uma ação social. Na obra que estamos analisando, temos as causadas pelas categorizações dos normais, que precisam ser evitadas e que representam um mal a ser evitado.

O processo de estigmatização pode variar de acordo com a evidência e a exposição das características do indivíduo. Goffman (1975) caracteriza dois tipos de grupos de indivíduos de acordo com seu estereótipo: o desacreditado e o desacreditável. O indivíduo desacreditado possui características distintas em relação aos normais, sendo estas conhecidas e perceptíveis por estes. O desacreditável também possui características distintas das dos normais, mas nem sempre conhecidas e percebidas por eles. Essas duas realidades podem encontrar-se, respectivamente, na relação estigmatizados e normais. Goffman (1975) afirma que os normais constroem uma teoria do estigma. Eles constroem uma ideologia para explicar a inferioridade das pessoas com um estigma e para ter controle do “perigo” que ela representa, acreditando que alguém com um estigma não é verdadeiramente humano.

Para Melo (2000, p. 2), o “social anula a individualidade e determina o modelo que interessa para manter o padrão de poder e anula todos os que rompem ou tentam romper com o modelo social”. Os estigmatizados possuem uma marca. Para Goffman (1975:148), “normais e estigmatizados são perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos, em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro”.

No campo literário, embora avanços sejam perceptíveis, a apresentação da homossexualidade ainda é construída de forma a apresentar um caráter estigmatizado. No que diz respeito a estes aspectos, essa construção sofre influências de épocas, costumes e momento cultural. Conforme visto no primeiro capítulo, a própria existência e construção do autor James Baldwin nos remete à tessitura de sua escrita, à influência de sua época sobre a luz de suas obras. A questão da escrita auxilia no processo de conhecimento do outro, e, no mesmo sentido, pode auxiliar na desconstrução do estigma de ser quem se é.

Em outras palavras, digo que só são sociais as relações que se fundam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e tal aceitação é o que constitui uma conduta de respeito. Sem uma história de interações suficientemente recorrentes, envolventes e amplas, em que haja aceitação mútua num espaço aberto às coordenações de ações, não podemos esperar que surja a linguagem. Se não há interações na aceitação mútua, produz-se a separação ou a destruição. [...] ⁶³

⁶³ MATURAMA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Pág. 24

Podemos determinar que a experiência, aquilo que possibilita que algo aconteça concretamente na vida de um sujeito, que o experencie e modifique de certa forma, torna-se um feito que passa a ser limitado pelos preconceitos que marcam a sua caminhada na sociedade a partir de um conjunto de normas que entrelaçam os indivíduos em sua convivência. Os preconceitos aqui aludidos estão relacionados ao que podemos constatar na obra em análise, *O quarto de Giovanni*, em lógicas normalizadoras, ou seja, conjuntos de regras que classificam os sujeitos em padrões ideais e desvios. Neste sentido, nos cabe dizer que no amplo e complexo espaço que constitui as anormalidades sociais, a homossexualidade pode ser definida seguindo a lógica daquilo que se desvia do padrão ideal aceito pela sociedade, se apoiando assim nas lógicas normalizadoras que colocam a relação dos iguais como inferioridade humana, das quais poucas são as probabilidades de aceitação comum.

Ao manterem-se essas lógicas normalizadoras, indiretamente construímos os processos que destinam determinados grupos sociais à estigmatização, como, por exemplo, a comunidade LGBTQIA+. Assim, uma constante de padronizações de condutas e comportamentos, bem como características, é depositada sobre o outro, fazendo com que não sobre espaço para que o indivíduo venha a definir aquilo que pertence a ele, ou seja, ele passa a ser abarcado por aquilo que a sociedade define como um estereótipo padrão. Neste sentido, podemos dizer que a sociedade passa a exercer a função de demarcadora do que ela aceita como normalidade, restringindo a cada um de nós as possibilidades de vivência e de pertencimento.

Em *O quarto de Giovanni*, podemos perceber em diversos momentos este tipo de comportamento e definição dos processos de estigmatização nas reflexões de David acerca de sua própria sexualidade. Para David, a sexualidade é um estorno que atormenta sua própria construção de pertencimento. Observe-se que o estigma, como visto, só surge a partir do limiar de uma fronteira construída pela própria noção do ser normal e ser diferente. É somente por meio de desvio que podemos perceber quem está dentro e quem está fora no jogo social:

E ainda assim, quando alguém começa a procurar o momento crucial e definitivo, o momento que modificou todos os outros, descobre que está seguindo, em meio a muita dor, por um labirinto de sinais falsos e portas que se fecham abruptamente. A trajetória que segui pode, na verdade, ter começado naquele verão — o que não me indica onde descobrir o germe do dilema que se solucionou naquele verão, transformando-se em fuga. Está claro que ele se acha em algum ponto onde não o posso ver, oculto naquele reflexo que observo na vidraça enquanto a noite cai lá fora. Está preso neste aposento comigo, sempre esteve, e estará por todo o tempo futuro, mas ainda assim mostra-se mais estranho e desconhecido, para mim, do que aqueles morros que não conheço, no campo lá fora⁶⁴.

⁶⁴ BALDWIN, James. *Giovanni*. Op. cit., p. 21.

Podemos constatar que até as experiências mais naturalizadas, aquelas que envolvem o sujeito num complexo crescimento e adulecimento, podem ser questionadas, por vezes, como desejáveis, assim como suscita o esboço acima. É complexo o campo das estigmatizações que se colam ao indivíduo, que passam a ser, dentro do seu universo, como verdades inquestionáveis, se consubstanciando e se naturalizando em práticas vistas como aceitáveis. É o que podemos depreender do texto, como pontuado no trecho abaixo:

Quando disse a Hella que a amava, eu pensava naqueles dias antes de uma coisa horrível e irrevogável haver-me ocorrido, quando um caso era apenas um caso sem maior importância. Agora, a partir desta noite e do amanhecer que logo virá, sejam quantas forem as camas nas quais eu me encontre, entre o momento presente e meu último e derradeiro leito, jamais poderei entregar-me a qualquer desses casos juvenis e entusiásticos — casos que na verdade, quando se pensa bem no assunto, não passam de um tipo de masturbação mais elevada, ou pelo menos mais pretensiosa. As pessoas variam demais para que as possamos tratar com tanta leviandade. Eu sou volúvel demais para que possam confiar em mim. Não fora assim, eu não estaria sozinho agora, nesta casa, nem Hella estaria cruzando o oceano, e Giovanni não estaria tão perto de ser levado, em qualquer momento até o amanhecer, para a guilhotina⁶⁵.

É constante dentro do campo dos entendidos como “desviados” sobrepujar sua imagem à construção da lógica de normalidade, ou seja, trazer para si, através das práticas, a forma aceitável dentro da sociedade. Hella, essa personagem que consubstancia dentro da obra o outro ser dentro de David, é a representação da conduta padrão. Neste sentido, os processos de estigmatização e construção dos preconceitos sociais passam a se localizar no que podemos chamar de pontos cegos da nossa formação social, os lugares lógicos onde simplificamos e naturalizamos o mundo. No que tange a estes aspectos, podemos dizer que o estigma nasce dentro daquilo que temos por pontos de referência frágeis em relação ao outro. Para Varela (2001),

Fazer isso certamente nos deixa em uma situação inteiramente circular, que produz alguma vertigem [...]. Essa vertigem vem do fato de que aparentemente não temos um ponto de referência fixo e absoluto, ao qual possamos ancorar nossas descrições e de certo modo, afirmar e defender sua validade. [...] Na verdade todo o mecanismo da geração de nós mesmos – como descritores e observadores – nos garante e nos explica que nosso mundo, bem como o mundo que produzimos em nosso ser com os outros, será precisamente essa mistura regularidade e mutabilidade, essa combinação de solidez e areias movediças que é tão típica da experiência humana quando a olhamos de perto⁶⁶.

⁶⁵ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 07.

⁶⁶ MATURANA (2009); VARELA (2001). Pág. 262-263

O estigma, bem como o estereótipo e o preconceito, aliados às práticas de naturalização presentes na obra *O quarto de Giovanni* estão relacionadas em uma conexão que em linhas gerais se mantém constante. Por quê? Porque ao entender os preconceitos enraizados dentro do espectro de personalidade de David, necessitamos perceber os processos de normalização, que buscam imprimir um olhar específico não só ao universo particular da obra, mas também ao universo além do ficcional. Observou-se que na obra existe um centro, de onde podemos tomar como ponto de referência a relação estabelecida entre Giovanni e David, bem como suas periferias interdependentes, que podemos designar como pontos mediadores da trama, como o próprio espaço do quarto, o ponto que trabalharemos no terceiro capítulo.

No que diz respeito às nossas análises, podemos dizer que o personagem central, David, pode ser entendido em linhas gerais como um traçado, de contornos permitidos e desejáveis, com cores, padrões e formas bastante específicas, mas que ao se combinar com os traçados de Giovanni, de Hella, dos demais personagens da trama, nos fazem pensar sobre o ponto de vista das diferenças que constituem a sociedade, bem como nossa quase sempre incapacidade de lidar com as diferenças.

No que tange a estes aspectos, partindo da noção de que David é um ser humano, com capacidades interativas, de conexão entre os indivíduos, de suas possibilidades de vivências e as relações de poder inerentes à sociedade na qual está colocado, ele passa a ter suas lógicas comportamentais envolvidas dentro da linguagem. Nesse sentido, a linguagem, seja ela corporal, estética, individualizada, passa a funcionar como uma construção entre o fazer parte de si e do mundo, ou seja, criar laços de pertencimento. Com isso,

[...] A linguagem como fenômeno, como um operar do observador, não ocorre na cabeça nem consiste num conjunto de regras, mas ocorre no espaço de relações e pertence ao âmbito das coordenações de ação, como um modo de fluir nelas. Se minha estrutura muda, muda meu modo de estar em relação com os demais e, portanto, muda meu linguajar. Se muda meu linguajar, muda o espaço do languageiro no qual estou, e muda as interações das quais participo com meu languageiro⁶⁷.

Compreendendo aqui, sob a perspectiva de nossas análises, a linguagem como um espaço de relações, podemos dizer que o indivíduo, no nosso caso, a personagem David, só passa a fluir por meio de conexões consensuais; ele só existe por meio da interação com os outros, com o que ele já foi, é e será construído socialmente. Sobre esses modos consensuais de

⁶⁷ MATURANA (2009), pág. 27-28

existir, podemos dizer que eles se consubstanciam em conjuntos de normas, regras e crenças de determinado agrupamento social, que podemos chamar de naturalização socialmente acordada. Essa compreensão de comportamento é visivelmente percebida quando David se dá conta de sua relação com Giovanni, em relação aos outros:

[...] Olhei para a ruazinha estreita, aquele canto desconhecido e torto onde estávamos, já agora inundado pela luz do sol e cheio de gente — gente que eu jamais conseguira entender. Assaltara-me o desejo dolorido, abrupto e intolerável de voltar para casa, não para aquele hotel, numa daquelas vielas de Paris onde o concierge barrava meus passos com a conta por pagar, mas para casa, no outro lado do oceano, às coisas e pessoas que eu conhecia e entendia, àquelas coisas, lugares e pessoas que eu sempre, desesperadamente e em qualquer amargura de espírito amaria acima de tudo o mais. Jamais percebera antes um tal sentimento em mim, e isso me amedrontava. Via-me claramente, agora, como um aventureiro, um ser errante, rolando pelo mundo afora, desgarrado de tudo. Olhei para o rosto de Giovanni, mas isso não me ajudou. Ele pertencia àquela cidade estranha, que não pertencia a mim. Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. "Que vergonha! Que vergonha!", por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um aspecto minúsculo do terrível emaranhado humano, ocorrendo por toda a parte e sempre sem fim [...] ⁶⁸

Observe-se que, neste processo, ao se desconstruir um olhar coletivo e individual daquilo que podemos chamar de normalização social, compreendemos que David é um personagem trabalhado sob a perspectiva daquilo que pode ser compreendido como adequado, aceito, daquilo que deverá se enquadrar, ou seja, uma forma ou tentativa que a sociedade encontra de emanar dentro dos sujeitos os sentimentos de estarem a parte, de serem uma falha, um desvio, ao que deva ser consertado e alinhado.

No que diz respeito a estes aspectos, existe como evidenciado, até aqui, uma interação entre os sujeitos sociais, que definem entre si determinados princípios os quais objetivam significar determinado grupo detentor de poder dentro da sociedade.

Importante destacar aqui que as influências sociais nem sempre podem ser consideradas como norteadores principais dos acordos sociais que desencadeiam os processos de estigmatização. Existe dentro da sociedade um acordo em que se observa que aqueles que são influenciados pelos modelos naturalizados, são os principais que reforçam esses tipos de padrões estipulados, mesmo que buscando sua negação, como assim faz David. O equilíbrio

⁶⁸ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 180.

existente entre os normais e os desviantes é o que ordena as relações sociais, mas deixa-se claro que esse mesmo equilíbrio é deverasmente instável.

A partir de Norbert Elias (2000), entende-se que os grupos de maior poder, aqueles que estabelecem os padrões, são chamados de “estabelecidos”, opondo-se aos demais grupos, chamados de “outros”. Nesse processo, se estabelece uma relação de valoração humana, partindo do princípio que existe um movimento de superioridade e inferioridade relativas aos acordos sociais. Neste ponto,

[...] grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, veem-se como pessoas melhores, dotados de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos superiores podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores⁶⁹.

Este tipo de valoração diferenciada presente tanto na sociedade e especializada na obra em análise, leva também à formação de um status diferenciado, o que faz referência tanto a um grupo específico privilegiado, de elevado carisma, que na maioria dos casos torna-se um grupo que é considerado adequado dentro dos padrões aceitos, em relação aos que causam desonra coletiva, ou seja, os desvios, conforme Elias (2000).⁷⁰ Este tipo de observação parece-nos transparecer em muitos momentos da obra, como, por exemplo, no trecho abaixo:

Olhei para o rosto de Giovanni, mas isso não me ajudou. Ele pertencia àquela cidade estranha, que não pertencia a mim. Comecei a ver que, mesmo não sendo tão estranho o que me acontecia quanto eu gostaria de crer, ainda assim ultrapassava as medidas. Na verdade, não era tanto para estranhar, ou coisa tão sem precedentes, embora dentro de mim ecoassem vozes gritando. "Que vergonha! Que vergonha!", por eu me achar tão abrupta e asquerosamente envolvido com um rapaz. O estranho era que isso constituísse apenas um[...]⁷¹

Este trecho evidencia o que Goffman chama de símbolos de estigma, que se oporiam aos símbolos de prestígio. Os símbolos de estigma seriam os fatores de criação de uma identidade pejorativa e fantasiosa, alicerçada numa construção heteronormativa da sociedade. Há de se falar que também os símbolos de prestígio ao mesmo tempo em que oferecem vantagens em relação aos outros, trazem consigo diversas exigências, normas e limitações também. Dessa forma, ainda que falemos aqui em grupos estabelecidos, normalmente aceitos,

⁶⁹ ELIAS, Norbert. 2000, p.20.

⁷⁰ NORBERT, Elias. 2000, p.23-24

⁷¹ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 180.

estes ainda não ocuparam todos os espaços possíveis dentro da sociedade. A construção do estigma se dá em frente a dois lados, dos aceitos e dos desvios neste sentido.

Contudo, cabe salientar aqui que essas limitações são mais fortes nos grupos que são considerados como “outros”. Isso advém pelo fato de estarem marcados pelo símbolo do estigma, ou seja, eles estão relacionados a uma possível não observância a determinadas regras sociais e exigências que são determinadas pelas relações sociais pré-estabelecidas. As normas neste sentido podem ser compreendidas como pilares que sustentam a sociedade que as estabelece. Dependendo dos acordos estabelecidos, os objetivos dessas normas transformam as relações lógicas dentro da sociedade em um campo de disputas aquém dos denominados binômios sexuais, masculino e feminino.

Neste sentido, as características estabelecidas como normais se permeiam de quesitos de produtividade e competitividade. Assim, nesta sociedade padrão, segundo Lígia Amaral (2008), “as características dominantes e estabelecidas, normais, aceitas são: sujeito heterossexual, do sexo masculino, jovem, saudável e produtivo”⁷², o que concorda também com o que Goffman estabelece como “[...] um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes [...]”⁷³. Complementando, Amaral (1998) reforça que

Todos sabemos (embora nem todos confessamos) que em nosso contexto social esse tipo ideal – que, na verdade, faz o papel de um espelho virtual e generoso de nós mesmos – corresponde, no mínimo, a um ser: jovem, do gênero masculino, branco, cristão, heterossexual, física e mentalmente perfeito, belo e produtivo. A aproximação ou semelhança com essa idealização em sua totalidade ou particularidades é perseguida, consciente ou inconsciente, por todos nós, uma vez que o afastamento dela caracteriza a diferença significativa, o desvio, a anormalidade. E o fato é que muitos de nós, embora não corresponda a esse protótipo ideologicamente construído, o utilizamos em nosso cotidiano para a categorização/valorização do outro⁷⁴.

Podemos observar que este tipo de determinação social se configura como um modelo quase impossível de se alcançar, mas, mesmo assim, ainda é buscado por muitos. E ainda cabe salientar que é um modelo em que muitos fracassaram ao longo da vida, na busca incessante de entrar nele. Sobre este aspecto, cabe agora nos debruçarmos efetivamente no que se refere às estigmatizações acerca dos desprivilegiados.

⁷² AMARAL, Lígia Assumpção. **Do Olimpo ao mundo dos mortais**. São Paulo: Edmetec, 1988.

⁷³ GOFFMAN, 2008. P. 139.

⁷⁴ AMARAL, Lígia Assumpção. **Do Olimpo ao mundo dos mortais**. São Paulo: Edmetec, 1988. P. 14

2.3 O estigma de Giovanni

No decorrer deste capítulo, buscamos entender traços amplos e complexos sobre o processo de estigmatização dentro da sociedade, sua construção enquanto conceito e dilatação de análises acerca do tema. No decorrer deste tópico, iremos tratar mais especificamente dos estigmas dentro de *O quarto de Giovanni*.

Ao situarmos o personagem David dentro do campo dos corpos estigmatizados, podemos dizer que ele possui atributos, seja de forma real ou imaginariamente, estigmatizados pela sociedade, ou seja, ele faz parte de uma identidade social depreciada em determinados contextos. Mas, no decorrer da obra, observamos que David, ao mesmo tempo em que se coloca como o oposto destes comportamentos, reforça, por meio do seu relacionamento com Giovanni, características intrínsecas, essenciais e específicas de alguns grupos. Nota-se isso em determinados trechos, tais como:

— Você quer deixar Giovanni porque ele faz você cheirar mal. Quer desprezar Giovanni porque ele não tem medo do fedor do amor. Quer matá-lo, em nome de todas as suas pequeninas e hipócritas moralidades. E você... Você é imoral. Sem comparação é o homem mais imoral que conheci em minha vida. Olhe, olhe o que fez de mim! Acha que poderia ter conseguido isto se eu não o amasse? É isto o que deve fazer ao amor?⁷⁵

Notei que estaria pronto a dar muita coisa para não perder esse poder. E senti-me arrastado para ele, como um rio que marcha depois de o gelo romper-se. Mas naquele próprio instante passou pela calçada, entre nós, um outro rapaz, um desconhecido e eu transferi imediatamente para ele a beleza de Giovanni e o que sentia por Giovanni senti também por aquele rapaz. Giovanni notou isso, viu minha expressão e riu ainda mais. Corei e ele continuou rindo e o bulevar, a luz, o som de suas risadas, tudo se transformou no cenário de um pesadelo. Fiquei olhando as árvores, a luz que descia pelas folhas. Senti tristeza, vergonha, pânico e uma grande amargura.⁷⁶

Nota-se a oposição existente entre os dois trechos. No primeiro, observa-se como realmente David encara a situação do papel social no qual se mantém em relação a Giovanni, ou seja, reforçam-se, com sua comparação do *cheirar mal*, os símbolos estigmatizantes da sociedade, em relação aos grupos de desvios denominados de homossexuais. Percebemos, assim, que a sociedade tem a necessidade de rotular seus grupos e definir seus limites para

⁷⁵ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 180.

⁷⁶ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 242.

dentro disso conseguir estabelecer o que é certo e o que é errado, por meio dos acordos sociais já explicitados aqui,

O *sujo*, como denomina David, refere-se ao seu amor, à relação desviante existente entre dois homens. Reforça-se ainda no mesmo trecho o juízo de valor da força existente por meio das regras naturalizadas, no qual o julgamento de David se pauta em suas moralidades. Dito isto, compreende-se que este comportamento reforça a imagem de uma identidade social marginalizada, que até o resolutivo pertencimento a este grupo reforça a depreciação desse grupo social, o que demonstra o distanciamento que isto veio causar a sua própria humanidade, ou seja, a pessoa é defeituosa aos olhos dos outros e está inabilitada para a aceitação social plena⁷⁷.

No segundo trecho, observamos também como o estigma pode ser visto como uma ameaça situacional: em determinadas situações, o indivíduo ou portador do estigma, pode ser tratado e julgado de forma diferente. Observe-se que o amor que se consubstancia na relação entre os dois é o oposto da expressão existente para a cultura heterossexual. Mas vale lembrar aqui, em consonância com o pensamento da filósofa e teórica americana Marilyn Frye, que

Dizer que um homem é heterossexual implica somente que ele mantém relações sexuais exclusivamente com o sexo oposto, ou seja, mulheres. Tudo ou quase tudo que é próprio do amor, a maioria dos homens héteros reservam exclusivamente para outros homens. As pessoas que eles admiram; respeitam; adoram e veneram; honram; quem eles imitam; idolatram e com quem criam vínculos mais profundos; a quem estão dispostos a ensinar e com quem estão dispostos a aprender; aqueles cujo respeito, admiração, reconhecimento, honra, reverência e amor eles desejam; estes são, em sua maioria esmagadora, outros homens. Em suas relações com mulheres o que é visto como respeito é gentileza, generosidade ou paternalismo; o que é visto como honra é a colocação da mulher em uma redoma. Das mulheres eles querem devoção, servitude e sexo. A cultura heterossexual masculina é homoafetiva, ela cultiva o amor pelos homens⁷⁸.

O que mantém as relações de oposição e a formação das composições de estigmas na sociedade é o reforço do contraditório existente entre as características sociais. Mas como observar isso no contexto da obra? A análise do conceito de estigma neste trabalho pode ser entendida como um campo enorme de possibilidades, visto que o próprio objetivo central desta dissertação suscita a análise de um símbolo estereotipado de preconceito social.

Cabe salientar aqui que a obra, ao perfazer um caminho que vai além do centro de um romance homossexual, pode ser entendida como um espelho de situações sociais que existem no plano real que reforçam o conceito expresso para a análise neste capítulo. Um ponto de

⁷⁷ Crocker e cols. (1998).

⁷⁸ FRYE, Marilyn. *Políticas da Realidade: Ensaio sobre Teoria Feminista*. Rio de Janeiro, 1998.

grande importância para este tema diz respeito à questão de que o valor de estigma que estamos tentando demonstrar pela análise da obra é pertinente a uma determinada sociedade, não necessariamente sendo aplicada a todas, visto que o que é depreciado não é o estigma em si, mas o que ele simboliza. Para Goffman (1963),

[...]o indivíduo foi implicitamente dividido em dois papéis fundamentais: foi considerado como ator, um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação; e foi considerado como personagem, como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar. Os atributos do ator e os do personagem são de ordens diferentes, e isto de modo inteiramente fundamental; e no entanto ambos os conjuntos têm seu significado em termos do espetáculo que deve prosseguir.⁷⁹

Neste sentido, para o autor, existem três tipos de condições estigmatizantes. Nos estigmas tribais, aqueles passados de geração a geração, por meio de relações familiares, criam-se determinados núcleos de pertencimento inerentes a grupos sociais, nacionais, étnicos e religiosos. Neste aspecto, na obra, podemos destacar a derivação imposta de comportamentos existentes entre o país de origem de David e toda as modificações comportamentais vividas por ele ao deslocar-se. Outro aspecto quanto a um estigma tribal presente dentro da obra seria a própria condição do quarto, o espaço, o lugar de pertencimento; longe dele, todos os demais participantes são marcados por desvios:

— O oceano é muito grande — redargui. — Nós temos levado uma vida diferente da de vocês, e a nós aconteceram algumas coisas que nunca ocorreram aqui. Certamente você pode compreender que isso tenha feito de nós um povo diferente... — Ah! Se, ao menos, houvesse feito de vocês um povo diferente! — exclamou, dando outra risada. — Mas parece que transformou vocês numa outra espécie de seres vivos. Vocês não estão noutra planeta, estão? Digo isto porque, se vocês estivessem noutra planeta, tudo ficaria explicado⁸⁰.

Outra condição estigmatizante seria as abominações de corpo, aquelas características físicas presentes nos corpos, seja por defeitos físicos, seja por desconfigurações. Isso é bastante pertinente quando se trata do universo em particular da comunidade gay. A busca incessante pela perfeição dos corpos vem com o decorrer dos anos provocando cisões, fissuras dentro da comunidade LGBTQIA+, provocando divisões, tais como as múltiplas denominações entre os corpos que são dadas pelo que a comunidade em geral chama de desvios: ursos, gordos, baixos,

⁷⁹ GOFFMAN, 2008. P. 230-231.

⁸⁰ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 100.

altos, malhados, discretos, passivos, ativos. Na obra, podemos perceber estes aspectos no seguinte trecho:

Nessa tolerância que eu demonstrava existia um fundo nada pequeno de conhecimento perverso e do qual eu me valera quando lhe telefonara para pedir dinheiro emprestado. Eu sabia que Jacques só poderia ter esperanças de conquistar o rapaz à nossa frente se o mesmo estivesse, na verdade, à venda; e se ele se apresentava com tanta arrogância numa mesa de leilão certamente poderia encontrar lances mais altos e feitos por gente mais atraente do que Jacques. Eu sabia que Jacques sabia disso, e mais: que a afeição por ele alardeada quanto a mim estava envolta em desejo, o desejo de livrar-se de mim, de poder logo desprezar-me, como desprezara aquela legião de rapazes que viera sem amor a seu leito⁸¹.

Nos aduzimos ao fato de que os estigmas só estão presentes em relação ao outro, mas o norte de cada um jaz dentro de cada sujeito social. Nós criamos cada um, e o meio promove a oficialização desses traços.

A terceira condição estigmatizante retratada por Goffman (1963) está relacionada às culpas no caráter individual, aquelas relacionadas com a personalidade e o comportamento do indivíduo, o que inclui, entre outras coisas, doenças mentais, vícios e a própria homossexualidade. No que diz respeito a este aspecto, podemos dizer que, dentre os três traços estigmatizantes, esse é o que é mais pertinente dentro de nossas análises. A própria figura de David, entre outras presentes em *O quarto de Giovanni* perfaz diversas supostas culpas sociais. David com sua incompreensão acerca do seu próprio mundo e sua relação com os outros, Giovanni em relação ao próprio David, o que, por vezes, nos permitiria classificar o relacionamento dos dois como abusivo, Hella em relação a David, Jacques em relação aos outros, e assim sucessivamente.

Havia ocasiões em que tinha medo de que estivesse a procurar-me, para suplicar ajuda ou então matar-me. Mas quando tal pensamento ocorria, eu achava que provavelmente Giovanni não se rebaixaria a pedir minha ajuda e com certeza julgava que, a essa altura, eu não valia o trabalho de matar. Procurei ajuda em Hella e tentei sepultar nela, todas as noites, meus sentimentos de culpa e pavor. A necessidade de fazer alguma coisa ardia em mim como febre e o único ato possível era o do amor⁸².

Jones e Cols, ao tratarem do tema em análise, constatarem em seus estudos outras formas de condicionamento de estigma. Entre elas podemos destacar o *ocultamento*, quando o estigma precisa ser ocultado dos outros, e neste sentido vemos essa construção bem no início da obra, no próprio sentido da viagem de David; e o *curso*, ou a forma como o estigma sofre

⁸¹ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 73.

⁸² BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 52.

modificações com o decorrer do tempo. Este aspecto ou condição é propriamente distinta de mudanças culturais e sociais, visto que a mudança no enfoque do estigma está muito mais associada ao fato de uma análise particular de cada indivíduo do que com relação às mudanças sociais por que o mundo passa. Somos nós que criamos nossos próprios lobos.

A *perturbação*, ainda de acordo com Jones e Cols, ou a forma como as perturbações afetam as relações sociais estabelecidas entre os sujeitos, é outra forma presente dentro da obra, quando o próprio David descama as verdadeiras faces das ruas de Paris. As *qualidades estéticas* – quando falamos dos corpos dos sujeitos –, a *origem* – quando nos referimos a questões voltadas para as questões econômicas e sociais – e o *perigo* – relacionado às questões de identidade – são outras formas encontradas de condições estigmatizantes, cada uma provocando um sentido cada vez mais profundo de perceber como o olhar do outro é cara para cada um, na medida que divide os sujeitos em feios e bonitos, dos meios por onde este estigma afeta eles e o grau que atrapalha eles.

Goffman (1963) acredita que existem duas classificações, dividindo os indivíduos entre acreditáveis e desacreditáveis. Neste sentido, o desacreditável seria aquele indivíduo cujo estigma é evidente ou já é conhecido pelos demais. Vejamos o trecho a seguir:

Lembro-me de que o bar naquela noite, estava mais cheio e barulhento do que o comum. Todos os habitués lá se encontravam, bem como muitos estranhos, alguns olhando e outros com olhar fixo. Havia três ou quatro damas parisienses, muito chiques, sentadas a uma mesa em companhia de seus gigolôs, amantes ou talvez primos de roça, não sei. Elas pareciam extremamente animadas, os acompanhantes mostravam-se pouco à vontade, e elas é que mais bebiam. Lá estavam os cavalheiros gordos e de óculos, como de costume, com olhares ávidos e às vezes desesperançados, os rapazes magros e de calças apertadas, portadores de punhais de mola. Jamais se sabia, a respeito destes últimos, se estavam atrás de dinheiro, ou sangue, ou amor. Andavam sem parar de um para outro lado do bar, pedindo cigarros e bebidas, tendo nos olhos alguma coisa que era ao mesmo tempo terrivelmente vulnerável e terrivelmente dura. Está claro que eram *les folies*, sempre trajados nas combinações mais absurdas, gritando como papagaios os detalhes de suas aventuras amorosas mais recentes — posto que, para eles, suas aventuras amorosas sempre pareciam motivo de hilaridade. De vez em quando um deles chegava em arranco, já bem tarde à noite, para trazer a notícia de que ele — mas sempre se chamavam "ela", uns aos outros — acabara de passar o tempo com uma famosa estrela cinematográfica, ou um boxeador. Nisso, todos os outros se agrupavam ao seu redor e seu conjunto se assemelhava a um bando de pavões, saindo dali os ruídos que saíam de um terreiro de aves domésticas. Sempre achei difícil acreditar que fossem para a cama com alguém, pois um homem que quisesse mulher certamente preferiria uma mulher de verdade e um homem que quisesse outro não haveria de querer um deles⁸³.

⁸³ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 69.

Lugares como o demonstrado no trecho acima retratam bem os espaços de se fazer ser que muitos sujeitos sociais, que possuem características específicas, buscam, como uma maneira de fazer existir sua existência, ou seja, dar sentido às suas vidas, viver livremente e assumidamente. É neste ponto que Goffman (1963), conforme mencionado anteriormente, personaliza bem a diferença entre essas pessoas, pois para ele,

o termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva: Assume o estigmatizado que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente ou então que ela não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles? No primeiro caso, está-se lidando com a condição do desacreditado, no segundo com a do desacreditável. Esta é uma diferença importante, mesmo que um indivíduo estigmatizado em particular tenha, provavelmente, experimentado ambas as situações⁸⁴.

Contudo, os desacreditáveis seriam aquelas pessoas cujo estigma não está imediatamente aparente, não estão aparentes na pessoa as suas desvirtualidades. Cabe aduzir que a maioria dos indivíduos se enquadra neste aspecto, particularmente os homossexuais. Este tipo de desacreditáveis passa a acreditar que por não confessar suas escolhas ao mundo estão cada vez mais próximos de estarem dentro de uma certa “normalidade” dando ênfase ao ditado que “o que os olhos não veem o coração não sente”. Este tipo de comportamento é presente em quase toda a obra *O quarto de Giovanni* na figura de David, nosso personagem principal. Para esses indivíduos, o maior problema estaria centrado no que podemos chamar de manipulação acerca das informações sobre o seu estigma: “exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo; revelá-lo ou escondê-lo; mentir ou não mentir; e, em cada caso, para quem, como, quando e onde.”⁸⁵

Neste ponto, podemos dizer existir dentro da sociedade certo comportamento de encobrimento, ou seja, um sujeito estigmatizado, como a personagem David, passa a esconder e manipular as informações acerca de sua verdadeira identidade, fazendo com isso que ele receba da sociedade apenas suposições acerca da sua verdadeira existência. Neste sentido, e aceitando o fato de que mesmo que David não se autodenomine homossexual, mas mantenha uma relação homossexual com outro homem, passa a tentar exercer um controle, por vezes estratégico, de sua imagem, se passando por um heterossexual, sendo um heterossexual ocasionalmente, tendo, por exemplo, sua relação quase matrimonial com Hella, no intuito que sua verdadeira identidade não perturbe suas relações sociais. Esse ocultamento parece-nos mostrar-se no trecho:

⁸⁴ GOFFMAN, 2008. P. 18.

⁸⁵ GOFFMAN, 2008. P. 51.

Fora alguma outra coisa e eu jamais a veria. Jamais teria coragem para vê-la, pois seria como encarar o sol nu, sem proteção para os olhos. Apressando os passos, no entanto, e sem coragem para olhar qualquer outra pessoa, homem ou mulher, que passasse por mim nas calçadas largas, eu sabia que o marujo vira em meus olhos desprevenidos a inveja e o desejo: já percebera isso nos olhos de Jacques e minha reação e a do marinheiro tinham sido as mesmas. Mas se eu ainda pudesse sentir afeição e se ele a percebera em meus olhos, isso não teria ajudado, pois a afeição, para os rapazes que eu estava condenado a olhar, mostrava-se imensamente mais assustadora do que o desejo⁸⁶.

Outra possibilidade de ocultamento prevista nos estudos de Goffman (1963) e Jones & Cols (1984), e assinalada por Kates (1998), seria o uso de desidentificadores: os sujeitos passam a adotar determinados comportamento e portar certos objetos que transmitam a ideia de que eles sejam mesmo heterossexuais. Um exemplo disso é que na sociedade existe os que podemos chamar de sigilosos, ou seja, aqueles homens, ou mulheres, que vivem na clandestinidade sua real vida para não serem julgados pelo outro.

Devemos ainda mencionar neste capítulo os momentos em que os indivíduos portadores das condições estigmatizantes e os que podemos denominar de “normais” estão na mesma condição social, ou mesmo no contato diário um com o outro. Os sujeitos estigmatizados passam a viver no que se chama de “estado de alerta” contínuo, na presença constante do medo da forma como os outros vão encará-lo. Para Goffman (1963),

Em vez de se retrair, o indivíduo estigmatizado pode tentar aproximar-se de contatos mistos com agressividade, mas isso pode provocar nos outros uma série de respostas desagradáveis. Pode-se acrescentar que a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para a outra, tornando manifesta, assim, uma modalidade fundamental na qual a interação *face-to-face* pode tornar-se muito violenta⁸⁷.

Fala-se, contudo, que qualquer tipo de retraimento que podemos constatar nas relações sociais entre os indivíduos, através do controle das informações acerca dos seus estigmas, passa a atingir gravemente todo e qualquer tipo de relação interpessoal, desde as mais passageiras até as mais íntimas. O que isso quer dizer? Significa que o medo que controla a informação acerca da sua verdadeira realidade, consubstanciada na sua identidade, passa a fazer com que o estigmatizado venha a se isolar progressivamente do contato social.

Um outro aspecto pertinente neste ponto é que aquele indivíduo que se encobre também acaba pagando um alto preço por suas escolhas, visto que ele passa a externar para o mundo

⁸⁶ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 271.

⁸⁷ GOFFMAN, 2008. P. 27.

uma sensação contínua de ansiedade em relação ao outro. Em David, em relação a Giovanni, percebemos isso claramente em diversos momentos da obra:

De início, porque os motivos que me levaram ao quarto de Giovanni eram tão mistos, tinham tão pouco a ver com suas esperanças e desejos e faziam parte tão profunda de meu próprio desespero, inventei um tipo de prazer, fazendo o papel de dona de casa depois de Giovanni sair para trabalhar. Joguei fora o papel, as garrafas, o acúmulo fantástico de bugigangas, examinei o conteúdo daquelas caixas e malas tão numerosas e lhes dei fim. Mas eu não sou uma dona de casa — os homens nunca podem sê-lo. E o prazer nunca era verdadeiro ou profundo, embora Giovanni exibisse seu sorriso humilde e reconhecido e me dissesse de todas as maneiras que encontrava que era maravilhoso eu estar ali, e como eu me apresentava, com meu amor e engenho entre ele e a treva. Todos os dias me convidava a observar como ele mudara, como o amor o transformara, como ele trabalhava, cantava e me prezava. Eu me encontrava em terrível confusão. Às vezes pensava — mas esta é a sua vida! Pare de lutar contra ela, pare de lutar! Ou então achava — eu sou feliz, ele me ama, estou seguro. De outras feitas, quando ele não estava por perto, achava que jamais o deixaria tocar-me novamente. E então, quando ele o fazia, eu achava que não tinha importância, é só o corpo e logo vai terminar. E quando terminava eu ficava deitado no escuro e ouvia sua respiração e sonhava com o toque de mãos, as mãos de Giovanni, as de qualquer pessoa, que tivessem o poder de esmagar-me e tornar-me completo outra vez⁸⁸.

Novamente reiterado na trama, o medo. Ele é o suporte que demonstra o símbolo do estigma de David. Foi e é por medo que ele faz-se como um personagem diversas vezes caricaturado, ou seja, de identidade dúbia, invisível, discutível, obscuro e oculto. Isso, fenomenologicamente, pode ser descrito como resultado de diversas situações que o sujeito pode ter experimentado, tais como experiências com preconceito e discriminação, conscientização de suas qualidades negativas em relação à sua identidade social, ameaças ao seu estereótipo e atribuição dentro da sociedade. Para Crocker & Cols (1998), podemos dizer que as causas de determinados eventos podem ser consideradas como ambíguas entre os indivíduos, pois as causas de alguns desfechos sociais podem ser particulares. Neste sentido, como reforça Raggins (2008), os indivíduos estigmatizados passam a encarar diariamente o desafio de decidir se revelam ou não o seu estigma, visto que alguns fatores podem influenciar tanto de forma positiva como de forma negativa esta decisão⁸⁹.

Quando David nos transmite a angústia - “[...] mas esta é a sua vida! Pare de lutar contra ela, pare de lutar!” - ele nos demonstra a sua necessidade pessoal de ser quem ele é, mas ao mesmo tempo, nos demonstra também quão frágil seria essa necessidade de ser quem ele é. O

⁸⁸ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 246.

⁸⁹ RAGINS, Belle R. Disclosure disconnects: antecedents and consequences of disclosing invisible stigmas across life domains. *Academy of Management Review*, January, p. 195 – 215, 2008.

peso de suas escolhas não afeta só a si, mas todas as cargas e sentimentos dos quais ele precisou se fantasiar para poder existir. David, neste ponto de vista, é uma construção de significados simbólicos que ensejam um reforço de sua identidade estigmatizada. Na visão de David,

Em épocas remotas, em outra cidade e noutra ônibus, eu estivera sentado às janelas, olhando para fora, inventando para cada rosto que visse passando rapidamente uma vida, um destino, no qual eu desempenhasse algum papel. Estava olhando para perceber algum sussurro, ou promessa, que representasse minha possível salvação⁹⁰.

A vida de David, a passagem com Giovanni é apenas um retalho de escolhas e sentenças dadas por ele para significar sua própria existência. É neste ponto que encontramos o divisor de águas entre os estudos a respeito do termo de estigmatização. Se para Goffman (1963), percebemos a questão da ideia de normalidade e desvio, autores como Stafford & Scott (1986) trazem um conceito inovador acerca deste termo, entendendo o estigma como uma trama que envolve controle social – como o visto nas eternas necessidades do personagem principal do livro em análise – e categorização.

O controle social advém de uma necessidade, como vimos no decorrer da escrita deste capítulo, da sociedade categorizar os indivíduos como forma de controlá-los. Ao definirmos categorias, estamos criando marcas que de certa forma propiciam a escalada através da qual os indivíduos criam e recriam seus estigmas. Isso se dá por meio de um processo em que, como visto anteriormente, o indivíduo deixa de ser reconhecido pela sua individualidade e passa a ser compreendido pelos atributos e marcas que ele supõe ter. Por nossa compreensão, a estigmatização funcionaria como um processo pelo qual são apontadas as anormalidades dos estigmatizados, sendo que neste processo temos o reforço da imagem e poder do estigmatizador. Fica clara aqui a trama normatizadora dentro de *O quarto de Giovanni* não se assenta na figura de David, apesar de ele ser o principal constructo de exemplo de sujeito estigmatizado, mas sim o quarto, o local onde se detém todas as tramas e medos acerca da relação do casal.

O quarto, neste ponto, é o poder estigmatizador que conduz toda a relação que se estabelece na obra. Ele é o centro das práticas preconceituosas, o núcleo dos medos, pois longe dele, a relação não existiria. Logo, o quarto, para além dos personagens, é um espaço de construção de poder pelo qual se dá luz a todas as necessidades dos personagens. Tendo isso por base, devemos agora analisar o quarto de *O quarto de Giovanni*, entendê-lo como o espaço que delimita e dá sentido às identidades dos personagens dentro dessa obra.

⁹⁰ BALDWIN, James. Giovanni. Op. cit., p. 235.

3 UM ESPAÇO SILENCIOSO: a cômoda, a mesa e a cama

3.1 Em busca de uma definição de lar

Para muitos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, o único espaço de pertencimento pode ser aquele onde apenas o sol ou a lua ilumina. Uma prisão particular onde se permite ser mais livre que a própria definição de liberdade. Para muitos, o quarto é um espaço de existência, de sobrevivência, de coexistência para uma sociedade permeada de entaves. Mas, ao mesmo tempo que o quarto é uma busca de empoderamento, ele se torna uma construção do próprio eu particular. Um lugar silencioso, com pequenos símbolos linguísticos que expressam a condição de cada um. Mas, podemos dizer que este lar/prisão é um espaço de construção de identidades? De sociabilidades? De estigmas?

Durante a construção dos capítulos anteriores, buscamos definir, por diversos caminhos, padrões e formas de comportamento presentes no decurso da obra de James Baldwin – *O quarto de Giovanni* – no intuito de construir uma visão crítica e social sobre a condição existente dentro do relacionamento “produzido” entre David e Giovanni que se transforma e movimenta dentro de um único espaço de sobrevivência: o quarto.

Uma das perspectivas mais conturbadas encontradas dentro da obra está centrada no fato que ela passa a acontecer num espaço atemporal, perpassando passado, presente e futuro e voltando a um passado longínquo do personagem. James Baldwin, ao criar essa variação para o leitor, tenta repassar a confusão e a indecisão existentes no personagem David, que se encontra em um não lugar de sua própria sexualidade, tentando vestir sempre a roupa cis heteronormativa ao sair do único lugar onde poderia existir: o quarto.

O quarto criado por James Baldwin para coreografar o amor e o fim trágico dos personagens é o espelho usado como via de exorcizar seus próprios demônios particulares e, nesse sentido, trabalhar também seus próprios traumas. O quarto funciona como o próprio mecanismo do armário de David, pois, ao mesmo tempo que lá ele existe, pode ser considerado a maior infelicidade de sua existência. Ele também simboliza a própria saúde mental de Giovanni, permeada pelos problemas de um relacionamento conturbado com David, na busca de um autorreconhecimento de seu amor como um todo.

Neste sentido, podemos afirmar que a análise do quarto se faz necessária como o derradeiro espaço onde podemos perceber a formação das imagens presentes na obra em análise, como um sopro sobre os significados imersos dentro do que Baldwin construiu e

formulou para um período em particular da sociedade. O quarto, além de um espaço de sociabilidade, é um lugar de pertencimento dos personagens principais.

Dentro desta visão, trabalhamos o quarto sob a perspectiva do espaço. E tendo em vista isso, temos que o espaço é tido como um lugar de construção de sociabilidades e identidades. Metaforicamente, temos que o espaço físico representa somente um “espaço físico”. Numa visão topoanalítica, o espaço é a construção de uma dualidade sexual de David e o lugar de libertação de Giovanni. Sobre isto, construímos este capítulo norteado por três momentos.

No primeiro, vemos o quarto como uma fonte emanada de significados, por meio de uma análise teórica a respeito da construção de espaços e sua conexão com os indivíduos e suas relações. Neste sentido, trabalhamos com diversos estudiosos, dando ênfase a uma cartografia de sentimentos. Neste sentido, o quarto deve ser visto, além de um espaço íntimo, também como representante da espacialidade dentro da obra de ficção.

No segundo momento, já perpassado o lócus da espacialidade literária, temos que construir a visão filosófica do espaço, tendo em vista que ele é um lugar de subjetividade. O espaço físico não pode ser tido como algo estável e sólido, dissociando-o da subjetividade inerente de cada situação. Ele é um lugar de expressividade do corpo que possibilita o intercâmbio entre o sujeito e o mundo. Para tanto, nos valeremos de Ernest Keen (1975) para definir que o modo como percebemos, vivemos e sentimos o mundo manifesta-se em nosso modo de agir.

No terceiro momento do capítulo, expressaremos o quarto enquanto a visão de crítica ao comportamento heteronormativo. Ele representa neste ponto um manifesto puro para o autor sobre o momento em particular de sua escrita. O quarto é o lugar de onde saímos e voltamos e nos privamos de comportamentos manipulados.

3.2 Uma cartografia do prazer

O sentido de se fazer um estudo sobre uma visão analítica e topológica de uma obra, saindo de uma perspectiva meramente descritiva, interposto por meio dos mecanismos de mapeamento dos espaços ficcionais apresentados pelo livro, sobressai além do lócus de analisar e identificar os *topoi*. Pretende-se, num sentido mais amplo, observar o lugar onde se passa a narrativa, buscando a função daquele espaço e sua relação com os personagens principais. O quarto de Giovanni, na visão de James Baldwin, não proporciona aos envolvidos, infelicidade, mesmo que em diversas situações, o espaço seja tido como lugar de desventuras.

Observa-se que as ações de David em relação a Giovanni, mesmo que desastrosas, não lhe causam sentimentos pessoais negativos. David é o próprio infortúnio de suas escolhas e traz embutidas em seu ego as atitudes associadas ao contexto social em que vive. Para Bachelard (2018), estas atitudes corroboram um estudo “topo-analítico” das linguagens. Para que exista esse, é preciso que o lugar vivido tenha se relacionado com o personagem como espaço de felicidade. Neste sentido, estes conceitos são condizentes com o aspecto da topofilia, sendo considerados lugares louvados⁹¹ (BACHELARD, 2018, p. 18).

O quarto, por onde adentramos fortemente nas relações estabelecidas entre os personagens, proporciona a David um lugar de redescoberta de um novo ser, por meio do qual existe a exposição de um sentimento não antes vivido. *Sui generis*, o lugar aqui especializado e mapeado, dá ao personagem David uma condição positiva, ou seja, a descoberta do amor, mesmo que este seja envolto de situações desastrosas. Para tanto, o quarto, para análise de um *topos ficcional*, é o lugar onde se percebe toda a ambientação da obra, tendo em vista que ele não pode ser visto como “qualquer ambiente”.

Em *O quarto de Giovanni*, temos, segundo o psicologismo de Bachelard (2018), uma ideia de cartografia literária, onde o espaço é apresentado como um lugar delimitado, com fronteiras próprias e bem localizado. Luís Alberto Brandão (2013), em seu livro *Teorias do espaço literário*, cita a importância existente na relação espaço-literatura, tendo em vista a importância dos espaços dentro da obra em si:

Nossa cartografia interroga os fatores que viabilizam arranjos capazes de atribuir estatuto de espaciais a valores e processos como representação, descrição, ressonância simbólica, efeito de simultaneidade, fragmentação, ponto de vista, enunciação, estruturação, relação, determinação, concretude sensível. Segundo se comprova aqui, são valores e processos que, com toda a sua disparidade, desafiadoramente se reúnem no texto literário⁹².

Contrariamente a esta vertente, Massaud Moises (1969), partindo de sua antiga visão ainda atrelada ao seu pensamento da década de 60, se apresentava relutante em relação à importância dada ao tema do espaço na obra. A importância ínfima dada aos espaços por Moises (1969) estava atrelada ao fato de que existia uma falta de funcionalidade dos espaços para a obra, tendo em vista que se tentava privilegiar outros pontos dentro da narrativa, tais como a natureza dramática e o protagonismo, que são ainda heranças do romantismo (MOISES, 1969,

⁹¹ Lugares louvados são entendidos como espaços onde pode-se acumular o passado no momento seguinte, operando o traço de união do antes no depois. Ele nada conserva, apenas contempla a fixidez do instante presente. Ver: BACHELARD, 2018, p.18

⁹² BRANDÃO, 2013, p. 277.

p. 109). O espaço, para o autor, era tão-somente visto como um plano de fundo, estático e sem relação casual com os personagens. Neste ponto, em determinado trecho da obra em análise, percebemos que este caráter meramente ilustrativo trazido por Moises (1969) não condiz e pode ser tido como arcaico. Sobre isso, podemos destacar, por meio do trecho abaixo, como o espaço, ao contrário do proposto por Massaud sobre suas funções, não condiz com a real importância do tema. Observa-se que a questão dos lugares, dentro da crítica literária, vem ganhando importância devido à multiplicidade de questões que podemos levantar por meio deste tema:

Seu quarto ficava na parte detrás, no andar térreo do último edifício daquela rua. Passamos pelo vestíbulo e elevador, chegando a um corredor curto e escuro, que dava para seu quarto. O aposento era pequeno e só pude divisar o aspecto geral de coisas amontoadas em desordem, e sentir o cheiro de álcool que ele usava no fogareiro. Giovanni fechou a porta depois de entrarmos e, então, por um instante, ficamos naquela penumbra a olhar um para o outro – com aflição, com alívio e arquejantes. Eu estava tremendo e pensava que se não abrisse aquela porta para sair, naquele mesmo instante, estaria perdido. Mas sabia que não o poderia fazer, pois era tarde demais; dali a pouco seria tarde demais para fazer outra coisa senão gemer. Ele me puxou para si, pondo-se em meus braços como se entregando o corpo para eu carregar e vagamente puxou-me para baixo, para aquela cama [...] ⁹³.

Observa-se por este trecho que David, ao não saber lidar com a situação, transfere imediatamente para o quarto, o espaço, o seu estado emocional, partindo da dualidade existente entre uma suposta heterossexualidade exercida sobre uma identidade homossexual. Este tipo de comportamento leva o personagem a ter medo de expor sua sexualidade para um outro, buscando meios de fugir ou tão-somente entregar-se à situação. O quarto, neste sentido, é o entremeio de decisões que passam a movimentar a vida dos personagens. Logo, o pensamento de Moises (1969) pode ser considerado dissociado nesta perspectiva, visto que, e baseando-nos no exemplo acima, os espaços são possuidores de significados, sendo por diversas vezes fundamentais no percurso da narrativa.

Deve-se constar aqui que o nome Massaud Moises já pesou fortemente dentro dos estudos na academia, tanto que o autor, em suas obras mais recentes, revisou essa visão estática em relação ao espaço dentro da literatura. Vale abrir um adendo que, ao se questionar sobre a importância desses fenômenos dentro da obra, é importante destacar outras visões acerca da temática.

Um ponto relevante a se destacar aqui é que os encontros, as situações, os olhares trocados entre David e Giovanni, num ambiente sóbrio, são elementos constituidores de certo

⁹³ BALDWIN, James, p. 93-94.

erotismo. A escolha desse lugar dentro da obra, feita pelo autor, não é feita de forma aleatória, visto que a descrição e a ambientação, por meio da criação de um clima psicológico, gera um espaço de coesão e coerência que induz a uma “motivação composicional por analogia psicológica⁹⁴”. Para Borges Filho,

A natureza reforça a ação, propiciando uma extrema coesão e coerência dentro da narrativa. Praia deserta, chuvisco, vento frio, céu negro e os próprios lampiões que parecem fantasmas preparam a cena do crime que ocorrerá minutos mais tarde. É óbvio que essa conjunção de fatores, espaço e ação, não é casual, ou seja, percebe-se uma intencionalidade. Essa intencionalidade é característica da construção do ambiente⁹⁵.

Partindo desse pensamento de Borges Filho (2017), observamos que existe toda uma intencionalidade na construção do ambiente do quarto de Giovanni. Ele passa a ser, por meio da construção da narrativa, um local onde se perfaz uma relação sentimental e subjetiva dos personagens. Esta perspectiva vislumbra o lado da obra e a visão do autor. Do lado do leitor, existe uma responsabilização pela recriação e ressignificação dos espaços, seja ela pela descrição da natureza, ou seja, o conjunto das coisas que independem do ser humano, do fazer humano (2007, p.48), ou do cenário, que são os espaços criados pelo homem (2007, p. 47).

O quarto de Giovanni pode, partindo de uma perspectiva atrelada ao pensamento de Milton Santos (SANTOS, 1988, p. 2), através da toponálise, estabelecer uma relação entre o espaço e a sociedade, fazendo com isso o estabelecimento de uma relação/junção entre o homem (David) e o espaço (quarto), associando com isso para além de uma descrição - *Seu quarto ficava na parte detrás, no andar térreo do último edifício daquela rua. Passamos pelo vestíbulo e elevador, chegando a um corredor curto e escuro, que dava para seu quarto* (BALDWIN, 2008, p.93 – grifo nosso) – que a espacialização, tema debatido neste capítulo, quando tem interferência social, gera sentidos próprios.

Isso condiz com o fato de que, com as transformações da vida cotidiana que perpassam cada indivíduo dentro da sociedade, tais como os deslocamentos sofridos por David ao sair do país de origem e ir para as ruas empoeiradas de Paris, reconectam e modificam nossas relações e sentimentos com o espaço, o tempo e os outros seres humanos. Mas, dentro destes aspectos, podemos chamar o quarto de Giovanni um “não lugar”? Quando adentramos os questionamentos de um não lugar, nos referimos a imagens, espaços que não são reproduções minuciosamente recompostas de partes de um todo. Sobre isso, “o problema é descobrir aquilo

⁹⁴ BORGES FILHO, 2017, p. 51.

⁹⁵ Idem, 2017, p. 52.

que é comum a todos. É um problema, poder-se-ia dizer, de tradução, de traduzir o que está dito numa linguagem [...] numa expressão de uma linguagem diferente” (LÉVI-STRAUSS, 1987, p. 21). Ao alterarmos o sentido, linguagem comum dada ao quarto dentro da obra, alteramos também o sentido social dos personagens que vão ocupá-lo.

Para Simmel (1998, p. 601) “a ação recíproca faz do espaço, até então vazio e nada, qualquer coisa *para nós*, preenche-o enquanto ele a torna possível”, ou seja, para o autor, tanto o espaço físico como o espaço social não podem ser tidos como separados, mas juntos. Nesta concepção, o quarto de Giovanni pode ser considerado um espaço entre espaços, ou seja, ao mesmo tempo que ele é um não lugar de reinvenção dos corpos, principalmente o de David, ele pode ser tido como uma simultaneidade entre os espaços vividos e construídos.

Cabe destacar que o quarto, por tantas vezes trazido aqui, deve ser considerado um lugar antropológico, visto que,

Se definirmos o não lugar não como um espaço empiricamente identificável (um aeroporto, um hipermercado ou um monitor de televisão), mas como o espaço criado pelo olhar que o toma como objeto, podemos admitir que o não lugar de uns (por exemplo, os passageiros em trânsito num aeroporto) seja o lugar de outros (por exemplo, os que trabalham nesse aeroporto) (AUGÉ, 2006, p. 116).

Assim, para muitos leitores, o quarto é tão somente um espaço físico e de onde partem privacidade e segredos inerentes à privacidade de cada um. Mas ele passa a ser um espaço íntimo, objetivado, que passa a compor lugares de reinvenção. Desse modo, seguimos com Lynch (2007, p. 151) quando afirma que “o espaço sugere ação, ao mesmo tempo que a limita”, ou seja, cada indivíduo cria uma possibilidade de um jogo, criando com isso diferentes configurações para os espaços. Para Marc Augé (1989), esses lugares antropológicos, percebidos dentro do contexto da obra de James Baldwin, são lugares que nos permitem um distanciamento do cotidiano, da rotina passageira, da experiência do anonimato pertinente a muitos não heteronormativos:

Se, como muitos, me sinto satisfeito por passar um período na casa de amigos, por me beneficiar da sua hospitalidade, por aflorar a sua intimidade, as longas viagens de trem ou de avião, as estações e os aeroportos e até mesmo a elegância estereotipada dos hotéis internacionais proporcionam-me um prazer diferente, ligado, sem dúvida, a tudo aquilo que também poderíamos denunciar como sinal de uniformização e despersonalização crescentes: o anonimato, a solidão, a redução ao estado de agente de ligação cuja identidade é definida pelo trajeto [...] ligado igualmente a todos os benefícios secundários de um parênteses: o futuro limitado à duração da estadia, da viagem ou da correspondência, o desprendimento das obrigações cotidianas, a distância, no sentido próprio e no figurado, em relação ao ponto de partida – no conjunto, um certo estado de inocência (AUGÉ, 1989, pp. 137-138).

Para David, o quarto era muito mais que um lugar estranho, frio e longe de suas escolhas, mas, ao mesmo tempo, o mesmo ambiente representava as insatisfações sobre as escolhas e suas confusões mentais a respeito dele:

Lembro-me de que a vida, naquele quarto, parecia estar ocorrendo sob a superfície do mar, o tempo passava indiferentemente por cima de nós e as horas e dias não tinham qualquer significação. No início, nossa vida teve uma alegria e espanto que renasciam todos os dias. Por baixo da alegria, naturalmente, existia angústia e por baixo do espanto encontrava-se o medo, mas eles não se apresentavam no começo, até que esse nosso grande início se tornasse fel em nossas bocas. A essa altura, a angústia e o medo tornaram-se a superfície em que escorregávamos e caíamos, perdendo o equilíbrio, o amor-próprio e o orgulho⁹⁶.

Acontecimentos simples, conforme preconiza Yi Fu Tuan (1983, p.158), “podem se transformar em um sentimento profundo pelo lugar, o que se traduz para o conceito de topofilia, que traz consigo os aspectos referentes ao conceito de afeição, simpatia e admiração pelos tidos lugares louváveis. É certo destacar que dentro das relações que se estabelecem em *O quarto de Giovanni*, os aspectos maleáveis do eu (GIDDENS, 1993, p. 25) são evidenciados na forma dúbia de encontro da sexualidade dos personagens, ou seja, não se pode definir diretamente que estamos tratando de um relacionamento homossexual nas entrelinhas, mas os aspectos formais da escrita nos dão indícios sobre a narrativa.

Aparentemente parece meio dúbio dizer que não existe ou existe uma definição de sexualidade em relação aos personagens, tendo em vista as conexões e emaranhados que perfazemos até aqui, mas é importante salientar que, ao nos depararmos com as questões espaciais do quarto e os sentimentos emanados por elas, se torna inconclusiva a alegação que um ou outro seja uma coisa ou outra em relação à sua sexualidade. O quarto deve ser visto apenas como o desejo de nossos maiores medos: “a aceitação particular de cada indivíduo⁹⁷”. Sobre este ponto,

Nem sei como descrever aquele quarto. De um certo modo, ele se transformara em todos os quartos nos quais eu já estivera; e em todos nos quais eu me ache, daqui para a frente, lembrarme-ei do quarto de Giovanni. Não fiquei nele muito tempo — pois conhecemo-nos no início da primavera e saí durante o verão —, mas ainda assim parece-me ter passado toda uma vida lá dentro. Como disse, a vida naquele quarto parecia transcorrer sob a superfície das águas, sendo certo que ali dentro sofri uma transformação⁹⁸.

⁹⁶ BALDWIN, James, p. 220.

⁹⁷ GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade - Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

⁹⁸ BALDWIN, James, p. 117.

O caráter simbólico de alguns lugares precede a linguagem e a razão discursiva, perfazendo uma diferença clara entre espaço e ambientação. Observa-se que temos, em diversos trechos do livro, a espacialização do quarto enquanto meramente um quarto, mas ao se fundir aos sentimentos, o espaço passa a ganhar aspectos de uma ambientação. Nesse sentido, o espaço pode ser visto como algo denotado, mas a ambientação deles é conotada. O primeiro é explícito, já o segundo é implícito. Segundo Dimas (1994, p. 20), o espaço contém aspectos da realidade, enquanto a ambientação tem um caráter simbólico. Para Lins (1976, p. 77):

Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente. Para a aferição do espaço, levamos a nossa experiência do mundo; para ajuizar sobre a ambientação, onde transparecem os recursos expressivos do autor, impõe-se um certo conhecimento da arte narrativa.

Para Oziris Borges Filho (2007), o espaço dentro da construção narrativa passa a desempenhar funções específicas, na busca de separar e delimitar diversas construções narrativas. É possível observar a caracterização dessas funções em diferentes momentos na obra de James Baldwin. Na primeira função, o espaço é projeto conforme uma projeção do personagem, ou tão somente a indicação do contexto social ao qual está inserido. Dito isto,

Para começar, o quarto não era suficientemente grande para os dois e dava para um pequeno quintal, isto é, tinha duas janelas contra as quais o quintal se comprimia com maldade, apertando cada vez mais, como se se houvesse confundido com uma selva. Nós, ou melhor, Giovanni mantinha as janelas fechadas a maior parte do tempo. Nunca comprara cortinas e tampouco o fizemos enquanto estive ali, mas para assegurar a tranquilidade Giovanni cobrira as vidraças com uma substância branca e grossa, destinada a dar polimento em vidros.⁹⁹

A caracterização dada por David ao quarto é o vislumbre de sua percepção da condição social paralela a sua em relação a Giovanni, ou seja, o colapso das realidades dado as circunstâncias ao qual ele se propôs. A realidade projetada é apenas uma incursão do olhar de David sobre o que lhes pode ser tido como estranho, ou seja, o ambiente, a casa, o quarto, e o próprio outro – Giovanni. Na segunda função, temos uma inversão de polos, ou seja, o espaço é a influência exercida sobre o personagem. Isso significa que, segundo Borges Filho (2007, p.38), “diferentes espaços engendram diferentes atitudes”.

Diante de mim, nos lados e por toda parte do quarto, empilhadas como paredes, havia caixas de papelão e couro, algumas amarradas com barbante,

⁹⁹ BALDWIN, James. Op.Cit. 195.

outras fechadas, algumas quase estourando, e da que estava em cima de todas, à minha frente, saíam algumas partituras de música para violino. Havia um violino no quarto, colocado sobre a mesa em seu estojo torto e rachado, sendo impossível adivinhar, por seu aspecto, se fora posto ali na véspera ou cem anos antes. A mesa encontrava-se cheia de jornais amarelados, garrafas vazias e havia também uma batata murcha na qual até a brotação já apodrecera¹⁰⁰.

Uma terceira função atribuída ao espaço está relacionada às ações dos personagens no instante que o espaço é propício ao comportamento. Em diversos momentos da narrativa, nos defrontamos com o quarto como o único espaço onde se era possível rever o amor subjugado dos personagens. Isso é expressamente colocado no trecho:

Giovanni levantou-se no centro do quarto, debaixo da lâmpada, olhando para mim. Também eu me ergui, sorrindo um pouco, mas um tanto assustado, com estranho e impreciso medo. — *Vien m'tembrasser* — disse ele. Eu tinha plena ciência de que ele segurava um tijolo na mão e eu outro. Por um instante pareceu realmente que, se eu não fosse ter com ele, usaríamos aqueles tijolos para matar-nos um ao outro¹⁰¹.

Nem sempre o quarto fora na obra um ambiente de amor, mas, sim, o núcleo de diversos sentimentos que contempla a complexa rede mental de confusões que se passam na cabeça de David. O quarto, único ambiente severamente ligado aos personagens, é também o ambiente do ódio, da raiva, da dor e da angústia.

Uma quarta função que podemos encontrar em relação ao espaço está relacionada à representação dos sentimentos na narrativa em relação ao lugar. O que o quarto exprime? Recanto de erotismo exótico e fuga de uma sociedade pueril. O quarto, para a narrativa, é a analogia entre o espaço que se ocupa e os sentimentos ali vividos.

Na topoanálise proposta por Gaston Bachelard (2008), temos em ideia que os espaços são locais de nossa vida íntima. Entretanto, para Borges Filho (2007),

todas as outras abordagens sobre o espaço são importantes. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc., fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange também a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural¹⁰².

Nesse ponto, podemos afirmar que o quarto é o lugar onde o sonhador David se mantém protegido¹⁰³. O que representamos até aqui são os mapas teóricos pelos quais podemos perceber essa cartografia do prazer entreposta por James Baldwin em sua obra, que foi conseguida por

¹⁰⁰ BALDWIN, James. Op.Cit. 195.

¹⁰¹ BALDWIN, James. Op.Cit. 349.

¹⁰² BORGES FILHO, 2007, p.33

¹⁰³ BACHELARD, 2008, p. 26

meio de uma produção de imagens oníricas em relação ao espaço. Mas, tendo em vista isso, onde residem os sentimentos, a subjetivação dos sentimentos por meio de determinados locais?

3.3 Ato do amor

O espaço, enquanto ambiente dentro da obra literária, pode ser tomado como um lugar de subjetividades. Nos propusemos até aqui a observar que as considerações feitas em relação ao espaço não podem prescindir das sociabilidades, considerando que, para tanto, fenomenologicamente, as subjetividades são inerentes a eles. As reflexões feitas sobre o tema espaço, academicamente, giram em torno de dois campos, a saber: o físico e o social. O primeiro está associado ao espaço físico, o detalhamento trazido por David em suas lembranças: as paredes, o assoalho, a mesa, a cama, os lençóis, ou seja, tudo aquilo que pode ser tido como objetivo, mensurável.

Já o segundo traz a ideia sobre os sentimentos, as subjetividades que estão embutidas nos lugares, ou seja, aquilo que está entrelaçado com as relações sociais do ambiente. Em relação ao tema, suscitou-nos uma preocupação bastante específica. Ora, tendo em vista o quarto somente visto como um lugar objetivo, ele é indiretamente caracterizado por tudo aquilo que abstrai o cotidiano, ou seja, as incertezas, preocupações, desamores e afetos.

Em contraposição, temos que entender que o espaço, muitas vezes debatido aqui, é somente uma perspectiva de um espaço social que leva em conta o imediatismo de nossas ações cotidianas. No entendimento comum, o espaço só tem função se levarmos em relevância a interferência das relações sociais, de onde recebem seu sentido. Quando produzimos algum efeito no ambiente, levamos em conta a razão pelo qual aquele espaço se torna importante para nós. Em Baldwin, a visão da relação só ganha dimensão dentro daquele lugar, dentro daquele quarto. Assim,

Se não pode amar-me, eu morrerei. Antes de você vir, eu queria morrer. Já lhe contei muitas vezes. É cruel fazer-me querer viver, só para tornar minha morte mais sangrenta! Eu queria, agora, dizer muitas coisas, mas quando abri a boca não consegui emitir som algum. E mesmo então não sei o que sentia por Giovanni. Não sentia coisa alguma por ele, só terror, piedade e um desejo sensual crescente¹⁰⁴.

A criação das relações estabelecidas entre os personagens demonstra-nos que as existências entre os dois parecem dissociar-se das próprias subjetividades. Ao lidar-se

¹⁰⁴ BALDWIN, James. Op.Cit. 409.

rotineiramente com os espaços que são de ordem vivencial, ou seja, além de nossas prisões particulares, sejam elas sociais, culturais ou de identidade, devemos levar em conta que perpassamos o balizamento das interações racionalizantes dos lugares. Isso nos leva a crer que viver com o outro, ou com os outros, se pormenoriza inevitavelmente ao inevitável interagir social.

A afirmativa de interagir nos leva a crer que saber lidar com o outro, com quem frequentemente não interagimos, não leva a supor que nossa conveniência será prejudicada. Vejamos esta citação retirada da obra em análise:

Ainda assim eu desejava, naquele bar, ter encontrado em mim mesmo a força que me permitisse fazer meia volta e sair dali, ir talvez ao Montparnasse e apanhar uma pequena, qualquer pequena. Não o podia fazer. Conteí a mim próprio todas as espécies de mentiras, de pé naquele bar, mas não conseguia mover-me. E em parte isso era por saber que nada mais adiantava. Nem mais importava o voltar a falar com Giovanni, pois tornaram-se visíveis, tão visíveis quanto as obreias na camisa da princesa chamejante, e irromperam com violência sobre mim as minhas possibilidades que despertavam e insistiam¹⁰⁵.

No que diz respeito a estes aspectos, podemos destacar que, para além do quarto, que já entendemos ser o lugar de recanto de complexas teias de medos e incertezas, existem vários outros ambientes durante a obra que, direta ou indiretamente, representam lugares de subjetividade entre os personagens. Observe-se que a obra é um trabalho de rememoração contínuo sobre as experiências de David em relação não somente a Giovanni, mas a um complexo labirinto de escolhas pessoais, que de certa forma iam em choque ao que ele entendia como “normal”. Se traçarmos um paralelo entre David e o espaços de subjetividade criados na obra, percebemos que o quarto representa o lado mais oculto da personalidade de David, enquanto as ruas de Paris representam os caminhos pelos quais deve percorrer, com suas lutas diárias e seus maiores receios.

É importante salientar que a linguagem dos ambientes se realiza entre uma conexão por vezes não muito clara entre os sentimentos e as formas de usos e abusos dos espaços. É por meio delas que somos inseridos nas tramas e nas partilhas de vida, criando rotinas de comportamento, e o mais importante, é por meio dela que somos informados a respeito das regras de sociabilidades. O que isso quer dizer? Existe uma diferença muito clara sobre o que são os espaços públicos e o que são os ambientes de intimidade. Os espaços públicos: as ruas, as calçadas, as lojas, os bares, os guetos, são espaços por onde caminham os transeuntes da

¹⁰⁵ BALDWIN, James. Op.Cit. 130.

sociedade, e é por onde nos conectamos às teias particulares de sobrevivência na sociedade. Os ambientes particulares, recintos de privacidade, de redescobertas e de segredos, como a casa, o quarto, a cozinha, os banheiros, são tidos como espaços de intimidade. São lugares onde nos desprendemos dos laços sociais e podemos existir, deixando transparecer nossas subjetividades e identidades.

É fato que raramente percebemos como estamos inseridos nessa teia, visto que continuamente estamos entrelaçados trocando olhares entre os transeuntes da sociedade, por meio de registros linguísticos específicos, tais como as memórias, tal qual David faz ao decorrer da obra. Observa-se que, ao trabalhar com as lembranças e as subjetividades criadas por cada espaço, David personifica em cada local um traço da sua própria personalidade. Na rua, adota a vestimenta do homem heteronormativo; nos bares, o julgador e no quarto, o entregue.

Corroborando nossa assunção, Ernest Keen (1975, p. 124) afirma que “minha presença perceptual e minha presença comportamental na situação são da mesma espécie, mutuamente integradas¹⁰⁶”. Isso significa que as experiências trazidas por cada ambiente que habitamos encerram-se no nosso psiquismo, presumidamente nos traços privados de nossa cotidianidade, ou seja, o comportamento público está sempre conectado de forma subjetiva à dimensão privada dos indivíduos, o que nos leva a afirmar que o modo como agimos, pensamos e sentimos se personifica nas nossas relações e interações sociais. Observe-se o trecho:

Eu não queria saber que relações ele mantinha com Jacques, mas chegou o dia disso tornar-se bem claro, na expressão vingativa e triunfal com que o último me encarou. E Giovanni, durante esse encontro curto em meio ao bulevar e quando caía a noite, com muita gente andando às pressas ao redor, estava realmente muito atordoado e afeminado e muito alcoolizado. Era como se me obrigasse a provar a taça de sua humilhação e senti ódio dele, por esse motivo¹⁰⁷.

Nota-se pelo trecho exposto como determinados traços de comportamento podem se transformar em mecanismos de repulsa, ambientados pela questão dos espaços. Não que necessariamente estejamos nos deparando com uma situação de repulsa, mas tão-somente estamos projetando nossos anseios e dúvidas sobre o outro. David tem esse obstáculo comportamento de não adequação aos espaços. Até mesmo o quarto, por diversos momentos, para ele, é visto como um lugar de medos, de dúvidas, de prisão. Essa instabilidade do personagem é um traço e um recurso trazido pelo autor para demonstrar certa rivalidade com o social, com aquilo a partir do que ele mais era julgado.

¹⁰⁶ Keen, E. (1975). Introdução à psicologia fenomenológica. Rio de Janeiro: Interamericana.

¹⁰⁷ BALDWIN, James. Op.Cit. 439.

O espaço deve ser tomado como o conceito-chave de interpretação dos fenômenos sociológicos, como o meio de entender as interações entre os sujeitos, os modos de fazer e, com isso, as posições que uns tomam sobre os outros. Se visto apenas como um receptáculo de significados, de produtor de subjetividades, onde os símbolos são impressos ou mesmo separados pelas relações produzidas em sociedade, o reduzimos apenas a um difusor de imagens, quando, na verdade, os espaços devem ser entendidos como produtores de mecanismos sociais.

Observa-se que, mesmo em espaços como “o quarto” na obra, que não são tidos como lugares de produção da vida cotidiana, devem ser colocados como produtores e reprodutores de subjetividades, visto que essas se interconectam com o tempo e o espaço, compondo com isso as diferentes individualidades. Essa individualidade, perceptível inclusive em toda a construção do personagem David, longe de um individualismo, deve ser entendida como uma composição de relacionamentos produzidos incessantemente e reproduzidos por meios das regras sociais, ou seja, existe um David no quarto e um David além-quarto.

Essa abordagem reflexiva nos leva a entender David como um indivíduo que não produziria um subjetivismo extremo, levando com isso à construção de si como um ser autônomo em um universo tomado pelo peso do estruturalismo¹⁰⁸ – e aqui podemos afirmar que essa sociedade heteronormativa é estruturada – o transformaria em apenas um anexo social dessas estruturas nas quais ele está inserido.

Goffman (1974, p.11-15) assim nos explica que determinados elementos, ressaltados como característicos, em local específico da sociedade, atuam como elementos condicionantes de posições dos sujeitos:

[...] um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administradas. [...] Os estabelecimentos sociais – instituições, no sentido diário do termo – são locais, tais como salas, conjuntos de salas, edifícios ou fábricas, em que ocorre atividade de determinado tipo¹⁰⁹.

Entende-se que um local específico, como uma casa, um quarto, um banheiro, não é uma instituição total, visto que seu isolamento físico, ou seja, seus limites, apenas instituem uma função específica. Mas, à medida que esse espaço começa a desempenhar determinada

¹⁰⁸ Perfazendo uma visão sociológica, entendemos que, por essa percepção, o comportamento das estruturas é reflexo das ações, ou seja, as ações humanas são estruturadas pelo ambiente. Ver: DURKHEIM, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martin Claret, 2001.

¹⁰⁹ FREHSE. Fraya. Erving Goffman, sociólogo do espaço. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23. N°. 68. Outubro/2008.

função, os indivíduos passam a interagir com ele. No quarto de Giovanni, isto é bastante específico, tendo em vista que ele é o único ambiente em que podemos estabelecer de fato um vínculo social. O quarto passa a ser o cenário do começo, do meio e do fim, representando o passado, presente e futuro.

Mas não era a desordem do quarto o que metia medo e sim o fato de que, ao procurar a chave para entendê-la, percebia-se que não estava em qualquer dos lugares comuns. Não se tratava de uma questão de hábito, circunstância ou temperamento — mas de uma questão de castigo e remorso. Não sei como notei isso, mas foi instantâneo e talvez o notasse porque desejava viver. Examinei o quarto com a mesma extensão nervosa e calculista da inteligência e de todas as forças de que dispomos, que se usa ao medir um perigo mortal e inevitável: as paredes silenciosas, com seus amantes distantes e anacrônicos, presos em interminável jardim de rosas, as janelas que olhavam como dois grandes olhos de gelo e fogo e o teto que se abaixava como aquelas nuvens das quais às vezes demônios falavam e que obscureciam, mas não suavizavam, sua malignidade por trás da luz suspensa como sexo doente e indefinível em seu centro. Sob aquela flecha aguda, aquela flor esmagada de luz, encontravam-se os terrores que envolviam a alma de Giovanni¹¹⁰.

No intuito de entender a dinâmica das produções de subjetividades inerentes ao quarto, espaço que tratamos aqui como essencial ao entendimento das relações dos personagens, percebemos que o mundo social acaba por desenvolver regras específicas de convivência dentro desses espaços, como forma de manutenção do próprio lugar. Os espaços, como os detalhes trazidos por David no trecho acima, são delimitados territorialmente a partir da maneira como os sujeitos interagem e como os personagens ligados a ele se conectam.

Tomando o quarto como um local onde ocorrem os distanciamentos, as exclusões e a individualização dos sujeitos, visto que ele é o único ambiente possível para se viver “livre” — e na trama da obra isso foi deixado bastante claro — devemos levar em conta que essa exclusão inversa do eu social delimita o acesso à informação sobre si, mantendo com isso os limites das ações do sujeito, ou seja, só se existe ali porque naquele espaço é o único a que pode pertencer.

Neste processo de separação do sujeito (David) da sociedade, passamos a entender o não reconhecimento das particularidades dos “eu” dos sujeitos, vislumbrando a perspectiva de uma exclusão subjetiva do indivíduo dentro do mundo social. Isso nos leva a crer que encontramos no personagem principal uma certa deterioração do “eu” em relação às instituições totais, que são estigmatizadoras. A este processo sofrido por David, Goffman (1974, p. 24) chama de mortificação do eu:

¹¹⁰ BALDWIN, James. Op.Cit. 255.

[...] o seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele. Os processos pelos quais o eu da pessoa é mortificado são relativamente padronizados nas instituições totais [...] A barreira que as instituições totais colocam entre o internado e o mundo externo assinala a primeira mutilação do eu¹¹¹.

Entende-se aqui que essas instituições totais podem ser correlacionadas com os aparatos heteronormativos impostos pela sociedade. Desse modo, as questões relacionadas ao espaço, em relação às questões referentes aos processos de coerção social convidativas de uma sociedade preconceituosa, difundidas por meio dos mecanismos de condicionamento social, nos informam que esses lugares podem ser tomados como instrumentos disciplinadores¹¹², visto que esses espaços também são constructos normativos de fragmentação social.

Para Foucault (2009, p.414),

O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo. Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual se poderiam situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irreduzíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos¹¹³.

Desse modo, vê-se na vida cotidiana, nos espaços sociais de convivência, no quarto, na sala, nos bairros. Assim, o espaço físico tampouco é apenas lugar onde se processam os fenômenos sociológicos disciplinares, mas parte do instrumento de saber que proporciona o processo de controle dos corpos, tornando-se disciplina materializada. Logo, percebe-se que, para a obra aqui analisada, o local de fala de cada personagem influi sobre aquilo que podemos destacar sobre o espaço comum de cada indivíduo. Desse modo, o quarto pode ser entendido, sim, como um espaço de produção de subjetividades, principalmente com relação a David e Giovanni.

¹¹¹ GOFFMAN, Erving. As características das Instituições Totais & a carreira moral do doente mental. In: *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

¹¹² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

¹¹³ FOUCAULT, Michel. Outros Espaços. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

3.4 Nossa prisão particular

Como vimos anteriormente, o “armário” constitui-se, metaforicamente, como um dispositivo de regulação da vida gay, em contrapartida à classe heteronormativa, que passa a ter valores e visibilidades hegemônicas. Desse modo, podemos definir que o espaço social e o íntimo trabalhados até agora na obra de James Baldwin, o quarto, passa a exercer a influência simbólica tal qual um armário de segredos, uma prisão metafórica dos desejos, sendo com isso considerado uma “mentira perfeita”, na expressão de Proust:

A mentira, a mentira perfeita, sobre as pessoas que conhecemos, sobre as relações que tivemos com elas, sobre nossos motivos para algumas ações, formuladas em termos totalmente diferentes, a mentira sobre o que somos, a quem amamos, o que sentimos em relação a pessoas que nos amam... – essa mentira é uma das poucas coisas no mundo que podem nos abrir janelas para o que é novo e desconhecido, que podem despertar em nós sentidos adormecidos para a contemplação de universos que de outra maneira nunca teríamos conhecido¹¹⁴.

O quarto, seguindo uma linha de transmutação do real, nos condiciona a pensar na ideia de sigilo, onde a prática subjetiva interferente sobre as oposições público e privado, dentro e fora ou sujeito e objeto, faz com que haja uma permanência inviolada no próprio lugar silencioso. Uma má interpretação das violações do íntimo se reproduz na ideia de que um colapso nos binarismos e práticas ideológicas interfere na construção dos “segredos abertos”¹¹⁵. Mas o que são eles? No estudo dos efeitos estigmatizadores do eu, perfazendo doravante a ideia de deterioração das identidades, podemos como segredos abertos aqueles cujo ideal se estabelece sobre a omissão de subjetividades, ou seja, se, ao retratarmos a ideia de que David tem sua sexualidade indeterminada durante toda a produção da obra, podemos que ela perpassa uma construção de um segredo aberto, ou seja, ao mesmo tempo que ele pratica uma determinada ação sexual com outro homem, ela é limitada dentro do ambiente em particular, ou seja, o quarto passa a ser o reflexo de seu armário individual.

Mesmo ao encararmos essa análise em um nível individualista, podemos perceber que na sociedade ainda existem pessoas, assim como David, que, diferentemente de pouquíssimas pessoas, não se encorajam a assumir suas realidades além dos armários de cada um. Além disso, existe uma presunção heterossexista donde as pessoas criam permanentemente novos muros à medida que se interrelacionam umas com as outras. Isso é perceptível em James Baldwin ao

¹¹⁴ PROUST, Marcel. *A prisioneira*. São Paulo: Globo, 2002.

¹¹⁵ SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. In: *Cadernos Pagu*, (28), 19-54. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

observamos que ele condiciona o leitor a entender que existe mais de um mundo dentro dos diversos mundos que coabitam a existência homossexual.

Pensamos que que existe uma incoerência relacionada ao fato de que, em termos autoressonantes, há distinção entre público e privado. O ato de sair do armário não é plenamente tido como um interesse da sociedade, o que nos leva a reproduzir diversos tipos, formas e corpos identicamente associados à figura de David, ou seja, a imagem do assumir-se, aquela retratada em diversos trechos de conversas de Giovanni em relação ao outro, entra em confrontação com a imagem do armário, contrapondo, sem ambivalência, a privacidade mentirosa do armário.

Um dos aspectos mais pertinentes em relação à visão do quarto como um armário particular de David e Giovanni, está centrado no fato de que ele age também como um representante físico da própria homofobia velada de um dos personagens, impactando com isso em todo o contexto da obra. Borrilo (2010, p. 34) assim retrata a homofobia como “uma hostilidade geral e psicológica que é socialmente construída por aqueles que são contra os sujeitos que supostamente sentem desejos pelo mesmo sexo.” Segundo ele,

A homofobia é o medo de que a valorização dessa identidade seja reconhecida; ela se manifesta, em outros aspectos, pela angústia de ver desaparecer a fronteira e a hierarquia da ordem heterossexual. Ela se exprime na vida cotidiana, por injúrias e por insultos, mas também nos textos de professores e de especialistas ou no decorrer de debates públicos¹¹⁶

Como chegamos à ideia de que o quarto também reproduz um sentimento de repulsa pelo ato homossexual carnal mantido entre os dois? Vamos analisar o trecho abaixo:

Sabia que ela não gostava dele e isso lhe causava divertimento. E para corroborar o desagrado dela e também porque, naquele momento, sentia ódio por mim, ele se curvou bastante sobre a mão estendida e se tornou, num instante, afrontosa e ofensivamente afeminado. Observei-o como se estivesse assistindo a um desastre iminente, vindo de grande distância e Jacques se voltou para mim, em tom de brincadeira¹¹⁷.

O trecho acima retrata um dos diversos momentos em que David, apesar de todo o contexto do relacionamento “banal” mantido com Giovanni, transparece num espelho de ideias a homofobia enrustida em relação aos demais padrões. Ele reforça essa ideia ao trabalhar as questões da impossibilidade de se manterem os sentimentos além do quarto, criando com isso um cativo para Giovanni, que fica preso aos seus sentimentos, tornando-o um prisioneiro do próprio espaço.

¹¹⁶ BORRILLO, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

¹¹⁷ BALDWIN, James. Op. Cit. 378.

Podemos, com isso, desprender da obra que em todo seu contexto perpassa uma ideia de luto simbólico das escolhas, quer sejam elas as de David, quer sejam elas as de Giovanni, transformando questões como a homossexualidade, a heteronormatividade e os caracteres estigmatizantes, ou até mesmo o próprio estudo do espaço por meio do quarto, em uma busca incessante pela humanização do leitor. James Baldwin, ao criar uma obra fictícia de um relacionamento gay em um período conturbado da história social, nos demonstra que é preciso ainda quebrar os muros, os quartos particulares de cada um na busca pelo entendimento do desconhecido. A literatura, neste contexto passa a exercer um papel primordial no entendimento de diversos confrontos sociais e sentimentais. Azevedo (2016, p. 16) assim comenta:

[...] Todos nós, seres humanos, já passamos por maus bocados, tivemos nossos desejos contrariados, tivemos que nos conformar ou, mesmo, desistir de um sonho. Ao encontrar esse assunto na poesia, o leitor tem a oportunidade de rever, repensar ou redescrever a si mesmo sua experiência de vida e seus próprios sentimentos e, ao mesmo tempo, perceber que tais sensações e experiências não são apenas suas mas, sim, são humanas e relativas a todos nós¹¹⁸.

Com isso, entendemos que, por meio da literatura, fazemos com que os sujeitos percebam que seus confrontamentos não são ao pertinentes as suas particularidades, mas sim, são alheios ao nosso próprio eu. David, Giovanni, James Baldwin são apenas construções de realidades não tão alheias ao nosso real, e o quarto, ambiente máximo da obra, representa a alegria e a tristeza enfrentada diariamente por diversos casais gays. A diferença mais importante está em como derrubamos nossos próprios muros. Estamos preparados mesmos?

¹¹⁸ AZEVEDO, Ricardo. Formação de leitores e razões para a literatura. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>.

(IN) CONCLUSÕES

Um trabalho de pesquisa, mais do que um reflexo das escolhas pessoais do pesquisador, é um espelhamento de suas próprias habilidades conjuntamente com aspectos de sua formação anterior. Ele é um conjunto de ideias agregadas em pequenas páginas que traduzem uma fala particular do pesquisador no intuito de buscar acender no outro o interesse sobre determinado assunto. Corroborar tanto as concepções da sociedade, bem como as da academia. Quando adentrei na UFPI pela primeira vez, em 2013, não tinha ciência do campo de possibilidades que me estariam à frente. Novas amizades, novos desafios, novos amores.

Advenho do interior do Piauí, onde a leitura chega à luz das possibilidades que estão à disposição. Filho de pais trabalhadores, sempre me preocupei com a formação, tendo sempre em mente que somente pela leitura, e magicamente pelas palavras, poderia alcançar o mundo. E por meio deste encanto me aventurei no mundo das letras, das palavras, das coisas inaudíveis que podemos conhecer pelos livros. E foi por meio destas escolhas que me encantei pelas temáticas LGBTQIA+. Cada história lida até aqui foi auxílio no processo de me entender enquanto pessoa LGBTQIA+. Por isso, não haveria outra possibilidade além da escolha por trilhar um caminho acadêmico/profissional que me fizesse caminhar entre letras e histórias.

Já no mestrado, fazendo as escolhas para nossas análises, me veio a necessidade de escolher uma temática diferente do meu pré-projeto inicial e, com isso, uma nova obra a ser analisada. Foi em meio à instabilidade de tantas escolhas que surpreendente, numa discussão sobre o tema, me foi recordado o nome de James Baldwin por meu amigo, e também colega de turma, Gil, que me presenteou com um exemplar de *O quarto de Giovanni*. Ler e sentir os personagens dessa obra gerou em mim a necessidade de me aprofundar nesse universo criado pelo escritor.

James Baldwin, autor, se mostrou alguém ímpar para o contexto social, econômico e literário por onde circularam suas obras. Mas falar de James Baldwin é fácil, difícil foi perceber o reflexo de seus medos, temores e receios inscritos em sua obra *O quarto de Giovanni*. De 1956, este romance retrata o amor desastroso e estranho de David e Giovanni, inscrito em um ambiente sombrio e frio de um quarto, contido em um dos becos curtos e escuros de Paris. Mas tão estranho quanto o romance foi como o autor soube trabalhar a questão dos preconceitos e dissabores da vida a dois. O pulso forte da heteronormatividade sobre as escolhas pessoais e as diversidades de gêneros possíveis. Foi por meio desta problemática do ser, da escolha, do espaço e do poder que construímos nosso trabalho.

Dividimos nosso texto em três instâncias/capítulos, a saber: o primeiro, trabalhando as questões de gênero, sexualidade e heteronormatividade; um segundo, observando as questões relacionadas às normas e suas implicações sobre os estranhos sociais, buscando com isso perceber a construção dos efeitos estigmatizantes; e um terceiro, trabalhando o espaço, na tentativa de vislumbrar uma percepção anacrônica do quarto como um ambiente produtor de subjetividades e sentimentos. Com isso, perpassando cada capítulo, aprofundando nossas escolhas pessoais em relação aos aportes teóricos e buscando trabalhar com o fim de atingir os objetivos da pesquisa, construímos as respostas para as nossas insatisfações pessoais no decorrer de parte do exercício da escrita.

Dentro do primeiro capítulo, ao trabalharmos as questões de gênero, sexualidade e heteronormatividade, buscamos entender a influência dos conceitos expressos dentro da obra. Ao problematizar a instituição das identidades e os problemas de gênero presentes no comportamento de David em relação a Giovanni, descobrimos que existe a emergência de outras subjetividades latentes, que só foram possíveis por meio das experimentações sexuais dos personagens. Essas experimentações foram colocadas em confronto com os padrões que existem além do relacionamento dos dois, os quais transformam tanto David quanto Giovanni em corpos estranhos e marginalizados. Ocupa-se este capítulo com a necessidade de se demonstrar que existe uma gama infinita de convergências identitárias e sexuais, que podem ou não se acoplar ao eu de cada sujeito perante suas escolhas, bem como em meio a todo esse contexto. Ratifica-se a existência de uma sociedade pautada sobre normas sociais, das quais não podemos nos distanciar, pois somos meramente atores em seus atos sociais. Por mais que *O quarto de Giovanni* seja apenas uma narrativa fictícia, ela também funciona como um espelho da sociedade.

No segundo capítulo, trabalhamos as questões referentes às normas sociais e aos sujeitos marginalizados, tomando os personagens da obra como espelho de uma sociedade pautada no preconceito. O intuito do capítulo foi demonstrar como a construção das normas sociais, que reforçam o comportamento heteronormativo, influenciam, corroboram para a criação de preconceitos, e com eles, estigmas sociais. O tão somente normatizar não agrega valores, mas, ao criarmos ideologias a respeito do assunto, reforçando o caráter heteronormatizador por meio de nossos momentos, acabamos por criar margens estranhas aos indivíduos. Por nossa compreensão, a estigmatização funcionaria como um processo pelo qual são apontadas as anormalidades dos estigmatizados.

No terceiro capítulo, trabalhamos as questões referentes ao espaço e suas influências sobre os meios sociais e sobre os personagens da obra. Trabalho árduo vista a importância que

a ambientação traz para o entendimento da obra. O quarto, que está contido no título do livro, muito mais que um espaço qualquer, representa toda a instabilidade do personagem principal, suas escolhas pessoais e seus receios. Objetivamos, por meio desse capítulo, demonstrar a forte influência que o termo ‘armário’, trazido por nós por meio do quarto, como efeito alegórico de nossa realidade. Por meio deste, entendemos aspectos referentes a lugar, não lugar, subjetividades e ambientações. Com isso, cada capítulo buscou demonstrar de forma categórica como determinadas teias se conectam criando meios possíveis de entender tanto o universo da obra como nosso universo em particular.

As discussões teóricas também foram de forte influência para nossas análises, visto que a construção dos termos e as suas percepções no contexto do livro só foram possíveis por meio do amadurecimento da leitura do pesquisador, bem como das escolhas e recortes feitos por ele. Passamos por leituras de gênero, trazendo a luz textos de Butler (2011), assim como Foucault (2017), Goffman (1998), findando nas leituras de Borges Filho (2008) e Bachelard (2008). Cada qual trouxe uma contribuição diferente e pertinente para a pesquisa, possibilitando com isso uma visão além das possibilidades que a dissertação dispunha por agora, abrindo espaço para futuras pesquisas a respeito do tema.

Dessa forma, foi possível compreender que a obra de James Baldwin, além de nos proporcionar diversos leques interpretativos, nos abre para uma visão de mundo que corrobora com nossas hipóteses, visto que se confirma que o caráter heteronormatizador influencia de maneira bastante coercitiva sobre as relações homossexuais, bem como sobre todo o leque de variações que existem e que são perseguidas e subjugadas pelas suas escolhas pessoais. Ser diferente custa caro, e o preço é pago diariamente por diversas pessoas, que, como nossos personagens, vivem à mercê de suas vidas, tendo como único recinto de segurança seus quartos.

Espera-se com isso que a pesquisa venha a contribuir com a temática dentro e fora da academia, possibilitando novas visões a respeito do tema, além de um convite para futuros diálogos com ele. Afinal, a pesquisa nunca morre ou chega ao fim, apenas renasce sobre um novo arco-íris de possibilidades.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é dispositivo**. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. Pág.9
- AMARAL, Lígia Assumpção. **Do Olimpo ao mundo dos mortais**. São Paulo: Edmetec, 1988.
- AUSTIN, John L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a literatura**. São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antoniode Pádua Danesi. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BALDWIN, James. **Da próxima vez o fogo**. Biblioteca universal Popular. 1967
- BALDWIN, James. **O quarto de Giovanni**. Trad. Paulo Henrique Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BALDWIN, James; MEAD, Margaret. **O Racismo ao vivo**. Tradução de Hélio Alves. Ed. Dom Quixote- Lisboa, 1973. Pág. 252.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**: Seguido de novos ensaios críticos. Tradução Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BLOG MITOLOGIA. **O Leito de Procusto**. Disponível em:<<https://mitologica.blogs.sapo.pt/o-leito-de-procusto-304>>.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e Literatura**: introdução à Topoanálise. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XI. 2008. São Paulo. Disponível

em:http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

BORRILO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Pág. 7

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pág. 25

CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade** (1982). São Paulo: Paz e Terra. Pág. 415

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015

CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, UFRGS, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Apud FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado entre os dias 28 e 30 de agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, p. 4.

COSTA, Jurandir Freire. **A Face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 45

CROCKER E COLS. (1998). The stigma of overweight: the affective consequences of attributional ambiguity. J. Personal. Soc. Psychol.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

DIAS, Roberto Muniz. **O príncipe, o mocinho ou o herói podem ser gays:** a análise do discurso de livros infantis abordando a sexualidade. 2. Ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

FOSTER, D. W. (2001). **Consideraciones sobre el estudio de la heteronormatividad en la literatura Latinoamericana.** *Revista Do Programa de Pós-Graduação Em Letras - Universidade Federal de Santa Maria.* <https://doi.org/10.5902/2176148511823>. Pág.49

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 4º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II:** o uso dos prazeres. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade:** a vontade de saber. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 9.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Outros Espaços.** In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2009.

FREHSE, Fraya. **Erving Goffman, sociólogo do espaço.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 23. Nº. 68. Outubro/2008.

FRYE, Marylin. **Políticas da Realidade:** Ensaio sobre Teoria Feminista. Rio de Janeiro, 1998.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade - Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas.** São Paulo: Unesp, 1993.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975. Pág. 12

GOFFMAN, Erving. **As características das Instituições Totais & a carreira moral do doente mental**. In: Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEILBORN, Maria Luiza. “**Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**”. *Cadernos Cepia n° 5*, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

KEEN, E. (1975). **Introdução à psicologia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Interamericana.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 30.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

MACEDO, Marcelo. **Um perfil de James Baldwin**. In: BALDWIN, James. **Terra Estranha**. Trad. Rogério W. Galindo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MATURAMA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. Pág. 24

MATURANA (2009); VARELA (2001). **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001b.

Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). **Não Apenas Em Nome De Deus:** Discursos Religiosos Sobre Homossexualidade. *Psicologia e Sociedade*, 28(1), 105–114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer:** uma aprendizagem pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

NAVASCONI, P. V. P., & Moscheta, M. dos S. (2017). **O Existente Inexistente:** A Interseccionalidade de Raça, Sexualidade e Suicídio. (Universidade Estadual de Maringá, Ed.). Paraná: Simpósio Internacional em Educação Sexual. Retrieved from <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3179.pdf>

NORBERT, Elias. **A sociedade dos Indivíduos.** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2020.

PROUST, Marcel. **A prisioneira.** São Paulo: Globo, 2002.

RAGINS, Belle R. **Disclosure disconnects:** antecedents and consequences of disclosing invisible stigmas across life domains. *Academy of Management Review*, January, p. 195 – 215, 2008.

Scott, P., Lewis, L., & de Quadros, M. T. (2009). **Gênero, diversidade e desigualdades na educação:** interpretações e reflexões para a formação docente. Recife: Universitária UFPE. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/1016303/1020379/gnero+diversidade+e+desigualdade+na+educacao_o.pdf/fdda0d28-41f4-4145-bb34-e0013193a9cb

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário.** In: *Cadernos Pagu*, (28), 19-54. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

SEDGWICK, E. K. **A epistemologia do armário.** In: *Cadernos Pagu*, (28), 19-54. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 22 de janeiro.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da; FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. APONTAMENTOS SOBRE O ESPAÇO FÍSICO E O DESEJO GAY EM NARRATIVAS DE TEMÁTICA HOMOERÓTICA. **Revista Graphos**, ano 9, n. 2, 149-164, junho. 2007.

Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/4662>. Acesso em: 18 de janeiro de 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Trad. Caio Meira. 2ªed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WHITMAN, Walt. **Folhas de relva**. São Paulo: Martin Claret, 2006.